

**SETOR DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**FLAVIA GONZAGA LOPES VIEIRA**

**ESPAÇOS PÚBLICOS DE LAZER NO CENTRO DE  
CURITIBA: A TRANSFORMAÇÃO DA CIDADE  
URBANA PARA CIDADE HUMANA**

Dissertação apresentada como pré-requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Física, no Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná.



**CURITIBA  
2010**

FLAVIA GONZAGA LOPES VIEIRA

**ESPAÇOS PÚBLICOS DE LAZER NO CENTRO DE CURITIBA:  
A TRANSFORMAÇÃO DA CIDADE URBANA PARA CIDADE  
HUMANA**

Dissertação apresentada como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação Física, no Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof. Dra. Simone Rechia

À professora que me inspira e que sempre me inspirou:

Minha mãe.

Caminhante! Não há caminho. Faz o caminho ao caminhar.

## AGRADECIMENTOS

Durantes os dois anos em que o programa de Mestrado se desenvolve, inúmeras pessoas participam do processo. Seja no campo acadêmico, seja no campo pessoal, três pessoas foram de extrema importância para o desenvolvimento desse trabalho. A professora Simone, meu namorado Alexsandro e minha mãe Fani.

Minha mãe, participando ativamente do desenrolar da minha pesquisa, para quem eu dedico esse trabalho. Sempre foi a professora que me inspirou e que me inspira. É por sua causa que procuro ser cada vez melhor. **Obrigada sempre!!!**

Meu namorado Alexsandro, sempre presente, me apoiando em todos os momentos, sem nunca reclamar minha ausência. Você é meu amigo, você me acalma, você me apóia e principalmente, você me faz rir. **Amo você!!!**

Professora Simone, a quem eu aprendi a admirar por todo seu trabalho. Agradeço por ter me convidado a participar do seu grupo. Isso me possibilitou um novo olhar sobre o lazer e os espaços das cidades e a partir desses novos conhecimentos eu nunca mais olhei para as praças e parques com os mesmos olhos. **Muito obrigada por tudo!!!**

Aos professores membros da banca pelas inúmeras contribuições desde a qualificação: agradeço ao amigo Stigger pelas considerações que me fizeram repensar algumas questões.

Professor Mezzadri pelas contribuições que fizeram com que o trabalho ganhasse consistência.

Outras duas pessoas que foram importantíssimas: colegas de Mestrado e amigas para a vida. Aline Tschoke e Talita Marques. Foram dois anos que pareceram quatro em que nos apoiamos mutuamente. Nada do que fizemos

durante esses anos foi feito individualmente. Mesmo os trabalhos eram discutidos em grupo, portanto vocês também fizeram parte do desenvolvimento da minha dissertação. **Adoro vocês. Moram no meu coração!!!**

Agradeço enormemente à professora Ástrid Ávila e ao professor Hermman Muller. Vocês foram incríveis, sempre dispostos a ajudar, me acolheram no momento em que minha orientadora encontrava-se fora do Brasil.

Aos professores Marcus Aurélio Taborda de Oliveira e Rodrigo Siqueira Reis pelas importantíssimas contribuições que trouxeram na qualificação e que possibilitaram que o meu trabalho ganhasse qualidade.

Minha família que se reunia e ainda se reúne ao redor da mesa dos almoços de domingo, que geravam conversar de todas as ordens: das mais sérias, às mais sem sentido. A ela eu atribuo a minha vontade de conhecer a história, e a relação de “amor” estabelecida com a cidade Curitiba, que veio a culminar nesse trabalho que conta um pouquinho da sua história. Minha irmã Carolina, ou simplesmente Caro, meu irmão Caio, meu sobrinho João Pedro, minha mãe, meu pai...

Os amigos e amigas que ganhei no GEPEC: Luize (Lú), Marina, Mariana (Mari), Thaís, Pedro, Rafael, Talitinha bem loquinha, Vanessa, Lorena, Paulinho, Christian, Marcelinho, Rafaela, Sica, Karine. Vocês também fazem parte desse trabalho.

Aos colegas de Mestrado: Aline Barato, Saulo, Fábio, Carlos Eduardo, Derivan e especialmente Bárbara e Pedro – altos papos no RU.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>9</b>
<b>CAPÍTULO I: REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	<b>19</b>
A DIVERSIDADE E SEGURANÇA NA CIDADE: A PARTIR DOS “USOS PRINCIPAIS COMBINADOS” .....	22
O espaço na cidade .....	24
A RELAÇÃO ENTRE ESPAÇO E LUGAR .....	26
LAZER E CIDADE: UMA POSSÍVEL CONEXÃO .....	28
<b>CAPÍTULO II: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	<b>32</b>
<b>CAPÍTULO III: A CIDADE DE CURITIBA E SUA HISTÓRIA PLANEJADA...</b>	<b>35</b>
O Planejamento Urbano de Curitiba .....	36
A CONSTITUIÇÃO DOS ESPAÇOS E EQUIPAMENTOS NO ÂMBITO DO LAZER .....	38
A Praça Tiradentes .....	38
A Praça General Osório .....	43
O Largo Coronel Enéas .....	46
A Rua XV de Novembro .....	47
<b>CAPÍTULO IV: ESPAÇOS TRANSFORMADOS: A RELAÇÃO ENTRE O LAZER E O PLANEJAMENTO URBANO ATRAVÉS DOS TEMPOS</b> .....	<b>50</b>
PRAÇA TIRADENTES: UM ESPAÇO “ILHADO” .....	50
PRAÇA GENERAL OSÓRIO: UM ESPAÇO DINÂMICO .....	54
LARGO CORONEL ENÉAS: UM ESPAÇO HISTÓRICO .....	59
RUA XV DE NOVEMBRO: UM ESPAÇO HUMANO .....	66
<b>CAPÍTULO V: UMA ANÁLISE MAIS APURADA</b> .....	<b>76</b>
A POLÍTICA DE TRANSFORMAÇÃO: DA CIDADE URBANA PARA A CIDADE HUMANA .....	76
OS DIFERENTES USOS NOS DIFERENTES ESPAÇOS A PARTIR DAS REFORMAS ARQUITETÔNICAS .....	81
O COMÉRCIO AGREGANDO AS PESSOAS .....	88
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS: PLANEJANDO TRANSFORMAÇÕES</b> .....	<b>94</b>
<b>Referências</b> .....	<b>97</b>
<b>Fontes</b> .....	<b>99</b>
<b>Anexos</b> .....	<b>104</b>

## Resumo

O centro da cidade de Curitiba, além de ser o ponto comercial mais importante também agrega um número relevante de espaços destinados ao lazer nas suas diversas manifestações, como é o caso dos espaços estudados nessa pesquisa. Sendo assim, esses locais passaram por inúmeras reformas que visavam a manutenção dos equipamentos como forma de potencializar o centro também como um lugar de encontro. Portanto esta pesquisa teve como problemática a identificação das transformações ocorridas nos espaços públicos de lazer do centro de Curitiba (Praça Tiradentes, Praça General Osório, Rua XV de Novembro e Largo Coronel Enéas) nos períodos de 1960, 1970 e 1980. A partir do problema traçamos os seguintes objetivos: descrever o planejamento urbano de Curitiba, refletir sobre as principais mudanças das cidades e suas relações com o tempo e espaço de lazer, analisar através da constituição arquitetônica dos espaços de lazer as formas de uso, identificar mudanças nas possibilidades de uso a partir do planejamento urbano da década de 1970 e por fim, levantar categorias de análise dos espaços de lazer nas três décadas. Para alcançar os objetivos propostos, foi realizada uma pesquisa de cunho sócio-histórico sobre os caminhos do lazer no centro da cidade de Curitiba. Essa pesquisa ocorreu através de análises de fontes históricas que se constituíram em reportagens de jornal das décadas mencionadas, bem como fotografias dos espaços, que fazem parte do acervo da Casa da Memória de Curitiba, e que nos auxiliaram a perceber as transformações ocorridas. Após análise das fontes selecionadas podemos dizer que as experiências vividas no âmbito do lazer se desenvolveram numa interação com o comércio, sendo que os espaços estudados são potencializadores do encontro entre as pessoas que vão ao centro com interesses diversos.



## **Abstract**

The downtown area of Curitiba, besides being the most important trading point also adds a significant number of spaces for leisure and its various manifestations, such as spaces studied here. Therefore, these sites have undergone numerous reforms aimed at maintaining the equipment as a way to leverage the center also as a meeting place. Therefore, this study was identifying which changes in the public spaces of leisure of downtown Curitiba (Praça Tiradentes, Praça General Osório, Rua XV de Novembro and Largo Coronel Enéas) during 1960, 1970 and 1980. From the problem we establish the following objectives: to describe the urban planning of Curitiba, reflect the main changes of cities and their relations with time and space for leisure, look through the establishment of architectural spaces for the leisure use patterns, identify changes the possibilities of use from planning of the 1970s and finally raise categories of analysis of leisure spaces in three decades. To achieve the proposed objectives, we conducted a survey of a socio-historical paths of leisure in the city of Curitiba. This research was carried out through analysis of historical sources that formed newspaper reports mentioned the decades, as well as photographs of spaces that are part of the Casa da Memória de Curitiba, and that helped us to understand the changes occurring. After analysis of the selected sources we can say that the experiences during leisure time were developed in interaction with the trade, and the spaces are studied enhancers of the meeting between people who go to the center with diverse interests.

## INTRODUÇÃO

Atualmente, aliado ao crescimento acelerado das cidades e ao advento da economia, percebemos uma certa individualização dos sujeitos, o que por consequência acarreta um afastamento das pessoas da esfera pública e um recolhimento para a esfera privada.

Obviamente, este fenômeno também pode ser observado no âmbito do lazer uma vez que as experiências vividas referentes ao tempo e espaço, tinham a rua como principal referência para sua fruição, fazendo assim com que os moradores das cidades convivessem uns com os outros, participando ativamente da esfera pública, percebendo a cidade como uma obra criada pelas pessoas que nela vivem, e, portanto gerenciada por elas.

Nesse sentido, é importante compreender que o afastamento das pessoas dos espaços públicos pode estar relacionado à Revolução Industrial<sup>1</sup>, pois sabemos que esse fenômeno alterou os tempos nas vidas dos sujeitos. Também alterou os tempos das cidades, que passaram a encontrar-se num ritmo frenético do desenvolvimento. Essa fase do sistema capitalista veio acompanhada de más condições de trabalho que se refletiam (e ainda se refletem), na vida cotidiana dos trabalhadores. Desta maneira, as experiências no tempo e espaço de lazer na perspectiva da prática da liberdade se alteram, em função do mundo do trabalho, o qual passa a exigir mais tempo voltado ao sistema produtivo e consequentemente mais recursos financeiros para adquirir cada vez mais as próprias mercadorias produzidas; entre elas o lazer.

Portanto, as experiências vividas no âmbito do lazer, que estão inseridas no paradigma capitalista, começam a se apresentar como uma mercadoria que pode ser vendida e comprada.

Para Padilha (2006, p. 130) “A subordinação do lazer à lógica do capital dá-se basicamente pelas várias maneiras de mercantilização da diversão”. A autora complementa dizendo que a cultura de consumo que se estabelece “transforma os hábitos cotidianos, a relações entre as pessoas, a percepção

---

<sup>1</sup> “Revolução Industrial é a culminância de um processo secular, com suas raízes fundidas na crise do sistema feudal, que consolida o modo de produção capitalista, instaurando um sistema econômico-social, com sua forma peculiar de Estado e ideologia específica” (ARRUDA, 1988, p. 08).

dos espaços e os significados dos objetos” (p. 131). Nesta mesma direção, a relação entre sujeito e espaço público torna-se uma relação que segue a lógica do trabalho onde o espaço é produto e o uso é consumo.

Neste sentido, embora o lazer seja um direito constitucional, a lógica da produtividade limita que a população tenha acesso e possa viver diversificadas e significativas experiências no tempo e espaço do lazer. Algumas instituições particulares, como clubes, e até mesmo o *shopping center*, são exemplos da “comercialização” do lazer, o que Mascarenhas (2005) denomina de Mercolazer, e que se destinam para uma pequena parcela da população. O *shopping center* é compreendido como ícone da sociedade capitalista e exemplo concreto da mercantilização do lazer, entendido por Padilha (2006) como o maior templo de consumo. Assim, o lazer como experiência vivida nos espaços públicos dos parques, praças e ruas, aos poucos parece deixar de fazer parte da vida dos moradores das grandes cidades.

Sendo assim, não é difícil perceber de que maneira as relações sociais foram se constituindo historicamente até chegar a forma como observamos hoje, onde o capital econômico é determinante e o **ter** se sobrepõe ao **ser**.

Embora os autores até o momento citados pareçam ter uma posição rígida quando à vivência do lazer em espaços públicos, ainda é possível perceber linhas de fuga que não seguem à lógica do capital como vemos no estudo realizado por França (2007) onde o autor constatou que em alguns lugares como o Parque São Lourenço em Curitiba/PR, há uma organização da comunidade no sentido de cuidar do espaço que lhes pertence, sem, no entanto, estabelecer relações de troca que não seja apenas o uso do parque pelos moradores do entorno. Neste estudo, notamos também que a organização de ativismos sociais pode reverter em políticas públicas mais eficazes, que em termos mais concretos são observados nos espaços públicos de lazer estudados, nos quais as reivindicações como iluminação, segurança, oferta de atividades variadas, acesso aos portadores de necessidades, entre outras foram atendidas de forma mais eficaz.

Percebemos então, que embora exista uma certa rigidez na maneira de usufruir do tempo e do espaço seja para o lazer ou não, podemos observar que existe uma tensão entre as esferas da vida cotidiana que resultam em

experiências diferenciadas no tempo e espaço do lazer. Portanto, entendemos que a potencialização das experiências no âmbito do lazer através dos espaços pode possibilitar aos cidadãos uma linha de fuga das amarras da vida cotidiana.

Portanto, estudar a categoria espaço relacionada ao lazer torna-se importante, pois a partir do estudo dos espaços públicos, possíveis respostas poderão ser encontradas no que diz respeito ao afastamento dos sujeitos da esfera pública e principalmente do entendimento que a população tem dos espaços públicos de lazer das cidades. Luchiari, citada por Cagnato (2007, p.13), defende “a importância dos espaços para compreensão da articulação e organização da sociedade”. A partir da compreensão de como o espaço está constituído, das formas de apropriação pela população, das suas transformações, dos sentidos e significados a eles atribuídos, é possível entender que tipo de relação se estabelece entre os espaços públicos de lazer e as pessoas que deles se apropriam.

As formas de apropriação dos espaços no âmbito do lazer, por exemplo, podem revelar o nível de integração de determinados grupos com sua cidade, ou até mesmo com as políticas públicas voltadas a esse fenômeno, as quais determinam e são determinadas pelas experiências vividas nesses ambientes. Ou seja, ao se planejar um espaço como uma quadra esportiva, por exemplo, que possui delimitações por meio de linhas, esta pode influenciar a apropriação para o esporte que está pré-determinado, podendo então serem observadas as formas de apropriação a partir da estrutura física do espaço. Entretanto, os sujeitos produtores de cultura podem (re)significar o espaço da quadra, utilizando-a para outro fim que não o esportivo, imprimindo assim sua singularidade aos locais dos quais se apropriam.

Cagnato (2007, p.46) afirma que:

A busca dos planejadores muitas vezes é colocar ordem no espaço, ajustando o que julgam necessário em cada lugar. O que acontece de fato é que as pessoas os utilizam das maneiras mais inesperadas, ocupam espaços onde não se imagina possibilidades, talvez nem mesmo espaços que deveriam ser usados, ocupados, porém aí é que está a beleza, o real da apropriação, o que torna estes espaços ricos de fato, sua principal essência, as pessoas.

Concordando com essa afirmação Horn (2004, p.37) diz que o espaço (re)significado torna-se “algo socialmente construído, refletindo normas sociais e representações culturais que não o tornam neutro e, como consequência, retrata hábitos e rituais que contam experiências vividas”, ou seja, são reflexos e espelhos dos acontecimentos, fenômenos, das ações e relações desenvolvidas pelos indivíduos que os planejam, constroem, e principalmente pelos que se apropriam.

A singularidade de cada espaço reside no fato de seu “sucesso” perante os seus usuários, portanto, a preservação histórica e a conservação são consequências da apropriação que se dá.

As ruas, largos, praças e parques de Curitiba são exemplos de como uma cidade possui logradouros que de alguma forma são testemunhas da sua história. Espaços como a Praça Osório, o Largo da Ordem, a Rua XV e a Praça Tiradentes, tiveram sua importância para o desenvolvimento histórico, político, econômico e social da cidade de Curitiba, pois nestes locais aconteceram todos os tipos de manifestações populares (fundação de Curitiba, guerra do pente, diretas já, entre outros). O forte apelo à memória da cidade está presente no planejamento de Curitiba e prevê a preservação de espaços que possuem relevância histórica, portanto os espaços acima citados estão inseridos neste contexto de preservação.

Para Rolnik (2004, p.09) a arquitetura “na perenidade de seus materiais tem esse dom de durar, permanecer, legar ao tempo os vestígios de sua existência”. Daí decorre a relevância de estudos referentes a estruturas físicas das cidades, pois a partir delas é possível compreender de que forma os sujeitos que se apropriam destes espaços, estabelecem uma identidade com os mesmos transformando-os em “lugar”.

Portanto, a pesquisa sócio-histórica que apresenta a trajetória dos espaços de lazer no período compreendido entre 1960 e 1980, bem como das transformações ocorridas nos espaços de lazer ao longo destes anos, pode nos fornecer informações quanto às formas de uso e significação dos espaços públicos de lazer de Curitiba, no período compreendido entre 1960 e 1980, se considerarmos que a forma com que o espaço está determinado, tende a atuar diretamente nas escolhas dos indivíduos que dele se apropriam.

A partir de pesquisas realizadas pelo Grupo de Estudos e Pesquisas de Lazer, Espaço e Cidade<sup>2</sup> (GEPLEC) do Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná, o qual centra suas investigações nesses aspectos sociais da cidade, surgiu o interesse pela história dos espaços de lazer das grandes cidades - em especial Curitiba. Este estudo pauta-se na possibilidade de uma percepção mais abrangente do meio urbano, pois a compreensão da história permite entender o tempo presente desvelando elementos tradicionais da cultura da cidade, as transformações dos espaços e das tradições ocorridas a partir do planejamento urbano de Curitiba. Dessa maneira, pode também elucidar a oferta por parte da administração local, no que tange aos espaços que possibilitem as vivências no âmbito do lazer.

A partir das reflexões acima é que surgiu a questão que constitui a problematização deste estudo: ***quais as transformações ocorridas nos espaços públicos de lazer (Praça Tiradentes, Praça General Osório, Largo Coronel Enéas e Rua XV de Novembro) no centro da cidade de Curitiba entre os períodos de 1960, 1970 e 1980?***

Curitiba foi, por muito tempo considerada uma cidade provinciana que tinha o centro como seu principal espaço de lazer. Os locais escolhidos fazem parte de um eixo (Anexo 1) que se constitui historicamente como espaço de lazer dos cidadãos curitibanos.

Antes do surgimento dos *shopping centers*, o centro de Curitiba foi sempre o principal ponto de encontro, passeio, diversão e compras da cidade constituindo-se também como principal espaço de lazer. A localização dos antigos cinemas, no centro, faziam com que as pessoas, ao saírem das sessões de filmes, aproveitassem para desfrutar do passeio pelo eixo histórico da cidade, constituído pelos espaços privilegiados neste estudo e que justificam a relevância da escolha.

Em Curitiba, o primeiro grande *shopping* (Shopping Mueller) só foi inaugurado em 1983 e embora tais centros comerciais sejam considerados os maiores atrativos de lazer da atualidade, “o Mueller” como é conhecido pelos

---

<sup>2</sup> As pesquisas realizadas pelo grupo são: UniverCidade: um giro pela cidade brincando, aprendendo e conservando; Programa de esporte e lazer na cidade; A escola e os espaços lúdicos; Estado do Paraná e seus espaços e equipamentos de esporte e lazer.

curitibanos, foi por mais de dez anos o único da cidade favorecendo assim a continuidade do centro da cidade como espaço de convívio.

O período escolhido para realizar a pesquisa justifica-se em virtude dos anos 60, 70 e 80 terem sido marcos na história urbanística da cidade, pois apesar de já na década de 1940 a gestão pública demonstrar um interesse em planejar o desenvolvimento da cidade, iniciando pelo “Plano Agache”<sup>3</sup>, isto só se efetivou a partir dos anos 60.

A década de 1960 caracterizou-se como um período de repressão em todo país, em que os meios de comunicação eram a todo o momento alvo de censura. A falta de documentos desta década pode estar relacionada à ditadura vigente no Brasil em que muitas vezes, segundo relatos, as notícias não eram divulgadas.

Em conversa informal com a funcionária da Fundação Cultural de Curitiba<sup>4</sup>, soube-se que a instituição só começou a ser organizada na década seguinte (1970). A funcionária afirmou ser este fator um dos responsáveis pela falta de imagens dos espaços da cidade.

Enfim, tanto a ditadura como a não institucionalização de arquivos históricos corroboraram para a falta de documentos que sustentem a pesquisa baseada na década de 1960, porém Boschi (2007, p.35), afirma que “a ausência de informação é também uma informação – e quase sempre valiosa”. Embora a falta de fontes seja uma fonte de informação possibilitando algumas considerações, este fato pode vir a se tornar um limitador do estudo.

Embora o plano preliminar de urbanismo seja datado 1964, foi na década de 1970, com o plano diretor, que Curitiba se abriu para o planejamento urbano e sofreu grandes transformações urbanísticas desenvolvidas pelo então prefeito Jaime Lerner, arquiteto oriundo do Instituto de Planejamento e Pesquisa de Curitiba (IPPUC).

---

<sup>3</sup> Considerado um dos primeiros planos do Brasil, incluía medidas de saneamento, definição de áreas para habitação, serviços e indústrias e reestruturação viária. Os objetivos eram criar diretrizes e normas técnicas para ordenar o crescimento físico, urbano e espacial da cidade, organizar as funções urbanas, estabelecer o zoneamento de atividades que orientam o desenvolvimento, definir a distribuição dos espaços abertos e a reserva de áreas para a expansão da cidade.

(Disponível em [http://www.ippuc.org.br/pensando\\_a\\_cidade/index\\_hist\\_planoagache.htm](http://www.ippuc.org.br/pensando_a_cidade/index_hist_planoagache.htm), Visitado em 31/09/2009).

<sup>4</sup> A conversa ocorreu no dia 11 de fevereiro de 2009, às 14h na Fundação Cultural de Curitiba.

No que tange a estrutura cultural, criou-se por decreto o Setor Histórico da Cidade<sup>5</sup>, onde se incluiu a Praça Tiradentes, o Largo da Ordem e a Rua XV fechada para carros, sendo o primeiro calçadão de pedestres do país. Algumas casas, um quartel e um paiol tornaram-se espaços culturais como museus, teatros, fundações. Foi nesse período que Curitiba foi ganhando a sua forma tal como a conhecemos hoje, visto que o Instituto de Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC), se mantêm.

Por fim, a década de 1980 justifica-se importante, pois após uma década de transformações, este foi o momento de embelezamento e de identificação dos moradores com a cidade. Esta década é marcada pela descentralização da gestão através de Regionais<sup>6</sup>. A descentralização pode ter gerado um afastamento da população do centro da cidade, ocasionando uma possível transformação de hábitos, cuja consequência pode ter sido a desapropriação das ruas e praças centrais para experiências no âmbito do lazer.

Outra grande e importante mudança ocorrida em Curitiba se refere ao sistema de transporte coletivo que passou a ser integrado possuindo tarifa única independente do trajeto. Se por um lado a descentralização pode ter gerado afastamento, por outro o sistema de transporte coletivo pode ter possibilitado que os moradores das áreas mais afastadas tivessem condições de chegar até o centro, e desta forma usufruí-lo como um espaço de lazer seja para encontro, passeio, diversão ou compras.

Para nortear a pesquisa, traçamos os objetivos que consistem em: (a) Descrever historicamente, a partir da década de 1960, a constituição do planejamento urbano de Curitiba e especificamente dos espaços de lazer do centro da cidade; (b) Refletir teoricamente sobre as principais mudanças das cidades e suas relações com o tempo/espaço do lazer; (c) Analisar através da constituição arquitetônica dos ambientes de lazer as formas de uso dos espaços na década de 1960, 1970 e 1980; (d) Identificar as mudanças nas

---

<sup>5</sup> Espaço de maior concentração de casarões do final do século XIX e início do XX. (fonte: [http://www.ippuc.org.br/pensando\\_a\\_cidade/index\\_hist\\_implantacao70.htm](http://www.ippuc.org.br/pensando_a_cidade/index_hist_implantacao70.htm))

<sup>6</sup> O Plano Municipal de Desenvolvimento Urbano propõe diretrizes para um modelo de desenvolvimento, que cria centros secundários. Estes centros secundários servirão de referência para a implantação das administrações Regionais em 1986. As Regionais nada mais são que mini-prefeituras existentes em seis regiões da cidade de Curitiba. (fonte: [http://www.ippuc.org.br/pensando\\_a\\_cidade/index\\_hist\\_descentralizacao80.htm](http://www.ippuc.org.br/pensando_a_cidade/index_hist_descentralizacao80.htm)).



possibilidades de uso a partir do planejamento urbano da década de 1970; (e) Investigar os motivos que levaram as transformações nos espaços de lazer do centro da cidade de Curitiba, a partir da década de 1970; (f) Levantar categorias de análise dos espaços de lazer nas décadas de 1960, 1970 e 1980.

O caminho teórico percorrido pautou-se nos estudos sobre o processo de urbanização, humanização e (des)humanização das cidades realizado por Henri Lefebvre (2008). Com relação ao espaço, utilizou-se como base os estudos desenvolvidos por autores como, Milton Santos (2008) e Maria Tereza Luchiari (1996). No que tange a transformação dos espaços nas grandes metrópoles a pesquisa terá embasamento nos estudos de Jane Jacobs (2007). Já para compreender a categoria espaço diretamente relacionada ao lazer, serão utilizados estudos desenvolvidos por Simone Rechia (2003).

A pesquisa possui um caráter sócio-histórico sobre a transformação das dinâmicas do tempo e espaço do lazer na região central de Curitiba. A abordagem qualitativa com inspiração na pesquisa histórica foi fundamental para traçar os caminhos dos espaços públicos de lazer no centro da cidade de Curitiba. Portanto, a pesquisa inicia-se por uma descrição da constituição desses espaços a partir da sua criação. Posteriormente foi feita uma análise das transformações ocorridas nos espaços por meio de fontes históricas, tais como reportagens de jornais e fotografias que possibilitaram perceber as mudanças ocorridas. O levantamento das fontes foi realizado no Acervo da Casa da Memória da Fundação Cultural de Curitiba.

## **CAPÍTULO I**

### **REFERENCIAL TEÓRICO**

#### **O SURGIMENTO DAS CIDADES**

Para Lefebvre (2008) a cidade sempre existiu, o que mudou foram as maneiras com que os sujeitos “construíram” cada cidade, como obra de cada época. A cidade medieval, por exemplo, apresentava características que numa determinada época deixou de existir. Para este autor a cidade como conhecemos hoje e o fenômeno da urbanização são produtos das transformações que vieram ocorrendo após o período da industrialização.

A cidade, ao concentrar as pessoas num espaço determinado, possibilitou o convívio com o outro e intensificou as trocas e a colaboração entre os sujeitos, porém configurou-se, segundo Rolnik (2004, p.26) em uma “especialização do trabalho e instaurou um mercado”, pois ao viver em sociedade, os sujeitos percebem que já não necessitam produzir tudo o que precisam para viver e assim, surge o mercado de trocas entre os produtores e dividem-se as funções entre campo e cidade, o que vem a corroborar com as reflexões de Lefebvre. Vemos que essa realidade não é exclusiva das cidades antigas, num processo contínuo de desenvolvimento essa situação encontra-se intensamente na cidade atual.

Portanto, a partir dessa dinâmica econômica, ou seja, a passagem da economia de subsistência para a economia mercantil, o mercado passa a determinar os modos de vida, refletindo-se até mesmo nas relações sociais.

Segundo Lefebvre (2008) a urbanização teve seu início após a Revolução Industrial, caracterizando o que chamamos de sociedade moderna. O autor deixa claro que este processo é o ponto de partida para a compreensão da problemática urbana, sendo a industrialização o motor das transformações na sociedade.

A cidade moderna apresenta traços importantes de seu desenvolvimento que segundo Rolnik (2004, p.71) são: “a privatização da terra e da moradia, a segregação espacial, a intervenção reguladora do Estado, a luta pelo espaço”.

Esta nova forma de cidade, regida pelo capitalismo, além de transformar as formas de trabalho, transforma também as formas das relações sociais e as formas de apropriação do espaço. Se num primeiro momento o convívio no espaço público é elemento básico na vida das pessoas, num segundo momento esta realidade parece não existir mais, pois a nova maneira de trabalho impõe um ritmo ao trabalhador que se sente incapaz de viver a sua vida social e política uma vez que na nova sociedade os tempos da vida se alteram e o tempo do trabalho ganha maior importância.

Assim, a cidade construída como obra dos cidadãos deixa de existir passando a existir como produto criado para os moradores com ajuda do planejamento urbano.

A diferenciação entre a cidade entendida como ‘obra’ ou ‘produto’; ‘valor de uso’ ou ‘valor de troca’ foi debatida por Lefebvre (2008). Para o autor a cidade como obra é constituída a partir da relação que se dá entre a cidade e o cidadão. O uso que os sujeitos fazem dos espaços públicos demarca a relação do ‘valor de uso’ existente. É importante compreender essa relação, pois com as mudanças no mundo do trabalho, também a cidade passa a ser subordinada a questões da industrialização. Para o autor (p.14) “a cidade e a realidade urbana dependem do valor de uso”, pois, ainda nas palavras de Lefebvre (p.84):

Os habitantes reconstituem centros, utilizam certos locais a fim de restituir, ainda que irrisoriamente, os encontros. O uso (o valor de uso) dos lugares, dos monumentos, das diferenças, escapa às exigências da troca, do valor de troca.

Entretanto, esse duplo aspecto da cidade confere à ela uma diversidade que é singular e a cidade, segundo o autor (p.20) “sobrevive graças a esse duplo papel: lugar de consumo e consumo do lugar” .

Neste sentido, Jacobs (2007) afirma a respeito do planejamento urbano ortodoxo que não leva em conta os usos diversificados que um espaço pode oferecer aos sujeitos que vivem na cidade, deixando-os para segundo plano. A cidade parece não ser planejada para o cidadão, mas sim para as relações comerciais que passam a ter grande importância na sociedade moderna.

Com isso o espaço para o convívio torna-se cada vez mais raro, dando lugar às ruas, avenidas e estradas, ligando um bairro a outro, uma cidade a outra, um país a outro, em função do comércio. Para Rolnik (2004, p.73) e Lefebvre (2008) esse fato do processo de urbanização se dá, sobretudo em função de uma “revolução nos transportes”.

Deste modo a necessidade de transporte público e particular torna-se uma realidade nos grandes centros urbanos, hoje se constituindo como um dos maiores problemas das grandes cidades. Fato observado no número excessivo de carros e na precariedade do transporte coletivo. Santos (2008, p.66) ao definir objetos dizendo que estes também pode se constituir num símbolo, recorre a Baudrillard (1973) por entender que o automóvel é “um dos mais importantes signos do nosso tempo e seu papel na produção do imaginário tem profunda repercussão sobre o conjunto da vida do homem, incluindo a redefinição da sociedade e do espaço”.

O que vemos então são alargamentos de avenidas, ruas sendo abertas, destroem-se calçadas e afastam-se os pedestres. O foco do planejamento urbano é dar espaço para os automóveis poderem circular com conforto e rapidez.

O planejamento focado no fluxo de automóveis contribui para o afastamento dos cidadãos da vida pública voltando-se cada vez mais para o interior de suas casas.

Portanto, a cidade moderna, cercada de grandes edificações, grandes prédios, ruas e avenidas, ônibus e carros, um grande número de pessoas que circulam, comércio desenvolvido, etc. está rodeada de história contada por meio da sua arquitetura e também dos seus espaços públicos de lazer, objeto dessa investigação.

Acreditamos que a vida nas cidades só estará garantida com a (re)apropriação dos espaços públicos pelos moradores. Neste sentido, Jacobs (2007) afirma que a diversidade nos espaços (e na cidade) estará garantida com a diversidade de usos dos espaços e do entorno deles.

## A DIVERSIDADE E SEGURANÇA NA CIDADE: A PARTIR DOS “USOS PRINCIPAIS COMBINADOS”

As diferentes possibilidades de formas de (re)apropriação nas ruas das grandes cidades podem garantir experiências diversificadas. Porém, essas formas, estão associadas à variedade de pessoas, interesses, atividades, empreendimentos públicos e/ou privados.

Para Jacobs (2007) essa diversidade de usos, pode ser gerada com comércio e atrativos culturais, a partir de usos principais combinados atendendo de preferência mais de duas funções, garantindo um número grande de pessoas na rua em horários diferentes. Salienta também que as quadras devem ser curtas, pois a oportunidade de virar esquinas deve ser freqüente. Outro ponto central é a combinação entre prédios antigos em meio a prédios novos com o propósito de gerar rendimento econômico variado e a concentração de pessoas nos locais, seja para passear, visitar ou morar.

Desta maneira, compreendemos que apenas a presença dos indivíduos não garante a diversidade de usos, pois esses irão depender de uma série de outros fatores, entre eles do planejamento urbano, o qual deve buscar desenvolver e potencializar espaços que possam garantir a diversidade de experiências no meio urbano, e portanto a “vida” das cidades .

Entretanto, um dos fatores determinantes para experienciar esses usos “principais combinados”, segundo Jacobs (2007, p.157), é a segurança. Para a autora “a diversidade é natural às grandes cidades”, mas é preciso que além de cuidar para que a cidade não seja compreendida apenas em usos separados e sim em usos misturados ou combinados, oferecendo opções de comércio e atrativos culturais, também faz-se necessário priorizar a segurança pública. Ressalta que a segurança dos sujeitos freqüentadores das ruas, calçadas e espaços de esporte e lazer é fundamental para a existência e a continuidade dessa diversidade de usos.

Ao analisar os parques das cidades dos Estados Unidos, Jacobs (2007) exemplifica que a variedade de usos dos edifícios do entorno dos espaços de lazer e a variedade de pessoas que entram e saem dos edifícios, em horários

diferentes contribuem tanto para a diversidade de usos e usuários dos parques quanto para a segurança dos mesmos, pois gera constante movimento.

Também as calçadas funcionam como um excelente atrativo de pessoas. O uso desse espaço por um número elevado de pessoas auxilia nessa segurança, pois quanto mais os indivíduos saírem da privacidade de suas casas para a convivência com o outro no espaço comum, mais seguro será um local e conseqüentemente maior será a diversidade de usos deste espaço. Segundo a autora (2007, p.103) os parques, praças, espaços culturais, e mesmo as calçadas “sofrem do mesmo problema das ruas sem olhos, e seus riscos espalham-se pela vizinhança, de modo que as ruas que os margeiam ganham fama de perigosas e evitadas”. Podemos entender então, que quanto mais pessoas se apropriarem dos espaços públicos, mais estes espaços oferecerão segurança para os cidadãos.

A autora chama atenção para outro fator importante para gerar a diversidade, a arquitetura dos espaços. Isto quer dizer que, quanto mais variadas forem as formas arquitetônicas do lugar, mais atrativo ele se torna. Se o espaço não oferece uma nova “surpresa” a cada visita, não há razão para ser visitado mais de uma vez, e assim vai deixando de ser freqüentado. Os urbanistas devem estar atentos para esses fatores se quiserem que as cidades possuam vida, diversidade e segurança, pois segundo Jacobs (2007, p.108) “a animação e a variedade atraem mais animação; a apatia e a monotonia repelem a vida”.

Rechia (2003) ao realizar estudos sobre apropriação dos espaços públicos de lazer da cidade de Curitiba comprovou, através de entrevistas, com usuários dos espaços que a segurança pode ser determinante para a fruição do lazer em espaços públicos. Segundo a autora (p.167) “tal fato demonstra que não basta beleza natural e paisagismo impecável, se os usuários desses espaços não se sentem seguros para vivenciá-los”.

Os espaços investigados por esta pesquisa parecem possuir as características necessárias para gerar diversidade e segurança. Provavelmente a sua localização central possibilita o trânsito de pessoas diariamente, que se apropriam do espaço público de diferentes maneiras em diversos horários. As

possibilidades geradas por estes espaços são facilitadores para o encontro entre os sujeitos moradores da cidade.

## O espaço na cidade

Segundo Rolnik (2004, p.53) “é da natureza da aglomeração urbana existir uma dimensão pública da vida cotidiana”. A cidade, principalmente anterior à industrialização, tinha no espaço público uma extensão da sua vida particular. O comércio “informal” acontecia no jardim de casa, no sótão, no porão ou onde quer que fosse possível. A vida privada se confundia com a vida pública. Foi com a industrialização e a economia mercantil que se deu a separação entre público e privado e com isso a segregação espacial ganhou força.

Assim como a economia de subsistência passou a ser mercantilizada, o espaço tornou-se também uma mercadoria de compra e venda demarcada pela segregação. Desta forma, a vida pública dos cidadãos ficou prejudicada, pois as diferenças sociais tornaram-se evidentes através das posses de terras. Ao artesão coube o trabalho pesado nas fábricas que também não contribuiu para a convivência no espaço urbano.

Nesse contexto, a cidade como conhecemos hoje é fruto da urbanização desencadeada pelo processo de industrialização. A cidade grande – ou a metrópole – surgiu deste processo que trouxe consigo a aglomeração de pessoas num só lugar a fim de encontrar trabalho e melhores condições de vida. Esta cidade, da maneira como foi e é organizada também não contribui para uma vivência na esfera pública.

Entretanto, os espaços públicos de lazer, como as praças, surgem com o propósito de possibilitar aos cidadãos a convivência com o outro, o que é um fator relevante no planejamento urbano das grandes cidades, pois visam de certa maneira oportunizar uma vida pública de quem se apropria desses espaços para os mais diferentes usos. Sendo assim, notamos a importância da conservação e manutenção das praças, dos parques públicos, dos centros culturais, etc., pois estes lugares podem proporcionar um retorno dos sujeitos à vida pública, uma vez que é no espaço público que se cria, recria e potencializa

a cultura, em que o contato com o outro é facilitado, possibilitando inúmeras trocas e experiências. Rechia (2003, p.130) afirma que “o espaço público é ao mesmo tempo o lugar onde os problemas se apresentam, tomam forma, ganham uma dimensão pública e, simultaneamente, são resolvidos”.

Nesse sentido, tais espaços públicos muitas vezes tornam-se palco de manifestações políticas o que reforça a importância de compreender o fenômeno do lazer aliado a categoria espaço, pois como afirmam Marcassa e Mascarenhas (2005, p.257) é nos momento de lazer que:

Os jovens criam e reforçam seus laços de identidade social, que as crianças, por meio da atividade lúdica, interpretam e ressignificam o mundo que as cerca, que os adultos tecem suas relações sociais e renovam valores e comportamentos que fundamentam os princípios éticos, estéticos e políticos que regem a sociedade.

Desta forma, vemos no lazer a possibilidade de compreender o nível de integração de um cidadão com sua cidade, mais especificamente com os espaços públicos de lazer. Portanto, por meio das formas de uso, dos cuidados, da responsabilidade compartilhada entre usuário e poder público, é possível perceber se a comunidade se sente comprometida com os espaços.

Rechia (2003) demonstra em seu estudo sobre Curitiba e seu modelo de parques urbanos, que o curitibano parece comprometido com a vida pública ao sentir-se parte destes espaços e, portanto, um vigia, cobrando dos frequentadores e do poder público os cuidados necessários à conservação dos parques, o que para autora significa “um certo tipo de participação comunitária” (p.134).

Essa relação com os espaços de lazer nos leva a outra categoria de análise, qual seja: o lugar. Rechia e França (2006) nos lembram que este conceito foi discutido por Milton Santos, compreendendo o lugar como o “mundo vivido” no qual se manifestam um cotidiano compartilhado entre as pessoas e as instituições. Para os autores (p. 63) “o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor”. Neste sentido, entendemos que as experiências de lazer vividas nos espaços públicos como as praças, parques, centros culturais, possibilitam uma nova maneira de perceber a cidade e o estreitamento na



relação cidade-cidadão, tornando os espaços significativos para os sujeitos transformando-os em lugares.

## A RELAÇÃO ENTRE ESPAÇO E LUGAR

No desenvolvimento das ciências, a categoria espaço sempre esteve relegada a segundo plano, porém este quadro mudou a partir de debates ocorridos na década de 70 que buscavam mostrar que o espaço não era apenas um palco inerte do desenrolar das ações sociais como pensavam os iluministas, e mais recentemente, os modernistas. O que se buscava era um “equilíbrio interpretativo entre tempo e espaço ou, entre história, geografia e sociedade” (Luchiari, 1996, p.192).

Mesmo não sendo uma categoria importante para as teorias científicas, o espaço sempre despertou interesse nos indivíduos e foi compreendido e dominado de diversas formas como: Conquista no momento expansionista; Exploração das riquezas; Harmonia na relação entre sujeito e natureza; Luta dada a partir da desigualdade social; Descoberta de novos lugares ainda desconhecidos; Raridade como no caso das metrópoles onde o espaço se tornou escasso.

Na vertente sociológica “a categoria espaço passa a ser importante instrumento analítico e ferramenta interpretativa” (Rechia e França, 2006, p. 63). Portanto, o estudo dos espaços de Curitiba é um excelente meio para compreender a cidade, a relação entre cidade-cidadão e cidadão-espaço público.

Podemos notar a relevância histórica que estes espaços possuem, tanto para a cidade quanto para os cidadãos, demonstradas através das diferentes formas de uso dos locais a serem pesquisados.

A Praça Tiradentes e a Praça Osório foram palco de inúmeras manifestações sociais, políticas, culturais, religiosas, esportivas. A Rua XV e o Largo da Ordem eram os principais pontos comerciais da cidade, favorecendo o encontro das mais diversas pessoas.

Embora existam espaços diferenciados como do trabalho, da vida privada e da vida pública, eles se inter-relacionam no ambiente das cidades,

fato que pode ser comprovado pela análise dos lugares mencionados. A localização central parece potencializar essa inter-relação e concordamos com Jacobs (2007) ao afirmar que esta é uma possibilidade de gerar diversidade na cidade a partir dos usos combinados onde as três esferas da vida interferem uma na outra.

Sendo assim, estes espaços deixam de ser indiferenciados ao cidadão curitibano e passam a ser lugar, pois são “velhos” conhecidos da população que lhes atribui um valor. A Rua XV quando de seu fechamento, foi compreendida como a sala de estar do curitibano. O mesmo aconteceu na Praça Osório, especialmente na Boca Maldita, onde grupos de amigos políticos, jornalistas, ou apenas cidadãos comuns se encontram diariamente para colocar o assunto em dia. O Largo chamava atenção pela quantidade de bares e casas noturnas, e também pela Feira Hippie. Já a Praça Tiradentes leva consigo o título de berço da cidade institucionalizado pelo monumento do Marco Zero.

Estes espaços, reconhecidamente tornaram-se “lugares” para a população, pois como afirma Santos (in Rechia e França, 2006, p. 62), “lugar constitui a dimensão da existência que se manifesta por meio de um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas e instituições”.

Admitindo que espaços públicos como parques e praças são constituídos com o intuito de promover o contato, a comunicação, a troca e a organização entre as pessoas, Jaime Lerner, quando assumiu a prefeitura, na década de 70, adotando o discurso de que a cidade deve ser planejada para o homem, decidiu que espaços com essa importância para o cidadão deveriam ser conservados e devolvidos à comunidade. Foi então que ocorreram as principais mudanças nos espaços já mencionadas.

Curitiba sofreu uma grande mudança nos aspectos culturais e de lazer. As preocupações do poder público estavam voltadas para um processo de identificação dos moradores com a cidade, o que foi efetivada por meio de ações no campo da cultura e do lazer. Nesta época foram criados um grande número de parques públicos, e espaços pré-existentes foram preservados e revitalizados.

Mesmo que a longo prazo, estas medidas consideradas por muitos como radicais, possibilitaram que o curitibano se identificasse ainda mais com a sua cidade. Essa identificação pode ser observada através do cuidado que o curitibano desenvolveu com os espaços públicos da cidade. Cuidado que de acordo com Rechia (2003, p.162) “torna-se singular diante da realidade brasileira de um modo geral, no tratamento com o que é ‘público’”.

Nesse sentido Santos (2008) ressalta a importância de uma relação afetiva com os espaços das cidades, pois através dessas sensações pode surgir um comprometimento entre cidadão e cidade.

Rechia (2006) afirma que a manutenção de lugares como os existentes em Curitiba, depende do significado que a comunidade lhes atribui. Significado que pode ser compreendido através das formas de uso e apropriação que servem de referencial para o lugar. Os espaços descritos possuem características únicas que os tornaram lugares singulares para a cidade de Curitiba e para os moradores.

Embora os tempos da vida sejam dominados pelo tempo e espaço do trabalho, os lugares no centro da cidade podem representar certa “linha de fuga” das normas hegemônicas, e por meio delas, os sujeitos tornam-se capazes de resignificar a relação cidade – cidadão – espaço público.

Pensamos que a possibilidade de significar e/ou (re)significar um espaço e lhe atribuir valor, pode se dar a partir das experiências vividas nos momentos de lazer realizadas nos espaços públicos das cidades, e portanto essa passa a ser nossa discussão no próximo tópico.

Assim, entendemos que o fenômeno lazer não é considerado apenas um tempo de nada fazer, mas que pode ser também palco para possíveis transformações sociais. Fatos como esses podem ser observados na Praça Osório, localizada no centro da cidade de Curitiba, pois as investigações iniciais desse projeto já indicam tal aspecto.

## LAZER E CIDADE: UMA POSSÍVEL CONEXÃO

O processo de industrialização acabou desencadeando o fenômeno da urbanização, transformando pequenas cidades em grandes metrópoles,

alterando assim os hábitos de vida dos cidadãos. Nesse sentido, o lazer na cidade moderna é entendido por Mascarenhas (2004, p.103) como “um fenômeno tipicamente moderno, resultante das tensões entre capital e trabalho, que se materializa como um tempo e espaço de vivências lúdicas, lugar de organização da cultura, perpassado por relações de hegemonia” também passa por transformações nesta nova sociedade, chamada de sociedade moderna.

As mudanças no mundo do trabalho modificam “os tempos” na sociedade, alterando o entendimento do significado de ócio e de lazer. Se na antiguidade o ócio era vivido em oposição ao trabalho, isto é, existia uma possibilidade de uma vida contemplativa devido a um sistema baseado na escravidão, na modernidade o lazer é visto em consonância com o trabalho e a partir disto iniciam-se as discussões referentes a tempo de trabalho e tempo livre.

As lutas trabalhistas pelo direito ao tempo livre caracterizaram o direito ao lazer como um direito de todos, no caso do Brasil assegurado pela constituição.

Sabemos que o aumento do tempo livre para os trabalhadores não é garantia do desfrute do tempo livre para vivências no âmbito do lazer. O trabalho nos limites de reprodução da vida refletem-se na vida de lazer, já que segundo Antunes (2002, p.175) “uma vida desprovida de sentido no trabalho é incompatível com uma vida cheia de sentido fora do trabalho”.

Neste novo paradigma social voltado para o mundo do trabalho, a relação que se estabelece entre tempo livre e lazer está ligada as relações de consumo. Para além da compra de mercadorias, o tempo, o espaço e o lazer são encarados como um produto a ser comercializado.

Assim, ao analisar as relações de consumo e lazer, Mascarenhas (2005) define o termo “mercolazer” para identificar a atual tendência do lazer compreendido como mercadoria. Tendência que segundo o autor veio se solidificando com o modelo econômico do Estado Mínimo característica de

governo neoliberal que consiste numa certa ausência do estado das obrigações de garantir os direitos dos cidadãos<sup>7</sup>.

Desta maneira, coube a iniciativa privada assumir os “compromissos” do governo – incluso aí o lazer – tendo o mercado como regulador fundamental. Obviamente que as manifestações de lazer foram inseridas neste panorama e passaram a fazer parte do mercado de lazer.

A principal consequência de compreender o lazer como mercadoria, reside no fato de que as manifestações culturais que ocorrem neste tempo e espaço são dirigidas a uma certa categoria da sociedade, potencializando as desigualdades sociais.

O autor divide as classes sociais em: **1) Os com-lazer:** compreendidos entre os ricos e endinheirados “que podem pagar pelo melhor das mercadorias e estilos de vida, tendo acesso ao primeiro mundo do lazer”; **2) Classe média:** compreendidos entre aqueles que vivem sob constante pressão econômica e freqüentemente dão “escapadas ao primeiro mundo, afundando-se em dívidas ou liquidando suas economias”, restando-lhes apenas um lazer-genérico; **3) Terceiro mundo do lazer:** inseridos os pobres e miseráveis, dos *quase sem* e dos *sem-lazer*, os que tem pouco acesso ao lazer que restou de ações filantrópicas geralmente com caráter funcionalista (MASCARENHAS, 2007, P.30).

A partir destas análises começamos a perceber de que forma e para quem o mercado do lazer foi se constituindo e começamos a entender a escassez de políticas públicas focadas num lazer para todos e em contrapartida vemos a propagação de parques temáticos, cinemas, teatros, shows, e principalmente a propagação de *shoppings* como o principal espaço de lazer que tem o consumo como essência, este último agregando uma infinidade de atrativos possibilita a permanência no local por longos períodos, pois não há necessidade de deslocamento entre uma atração e outra, fazendo inclusive com que se perca a noção do tempo.

---

<sup>7</sup> Segundo Betto (2006, p.113), o neoliberalismo “apregoa a exclusão do Estado da produção de riquezas e da administração de serviços”. O autor ainda afirma que a privatização é o fundamento desse modelo, incluso aí o lazer. Nas palavras do autor (p.138), “se o capitalismo transforma tudo em mercadoria [...] o neoliberalismo o reforça, mercantilizando serviços essenciais, [...], sem poupar os bens simbólicos”.

No caso de Curitiba, o *shopping center* demorou para se estabelecer como a principal opção de lazer do curitibano. Constatamos isso a partir da data de inauguração entre o primeiro e o segundo *shopping* da cidade. O Shopping Muller foi inaugurado em 1983, enquanto que o Shopping Curitiba foi inaugurado em 1996, ou seja, treze anos após a construção do primeiro. Tal espaço de tempo entre a inauguração do primeiro e do segundo shopping vem reforçar a idéia de que o centro de Curitiba permaneceu por longo tempo o principal espaço de lazer da cidade, demonstrado que até então, as relações não estavam baseadas no consumo. Hoje em dia, a cidade cedeu ao templo capitalista de consumo e possui, pelo menos, dez centros comerciais voltados para todas as classes.

Mas o que torna este espaço tão atrativo e tão “necessário” na cidade? Corroboramos com Padilha (2006) quando discorre sobre o *shopping center* e afirma que este local representa um mundo de sonhos para seus freqüentadores “onde os desejos, os projetos, as paixões e as relações sociais materializam-se em objetos” (p.127). Este espaço está livre do acaso e ainda oferece segurança aos sujeitos, algo difícil de encontrar no espaço público da cidade. Deste modo, o *shopping* torna-se “a catedral onde uma parcela da população idolatra as mercadorias e vivencia lazeres reificados” (p.128).

Nesta mesma lógica Pellegrin (2006, p. 121) constata que “o símbolo da modernidade é o corpo que consome e as formas de lazer procuradas pelas pessoas não estão acima destas determinantes”.

Pensamos que o lazer vivenciado nos espaços públicos, pode proporcionar alguns momentos um pouco mais livres destas condicionantes, Rechia (2003) recorre a Lefebvre (1991) que afirma que nesses momentos os sujeitos são capazes de fazer a crítica da sua própria vida, ou seja, refletir sobre a sua condição enquanto um ser social que possui direitos e deveres. A autora ainda chama a atenção para o fato de que em Curitiba o lazer vivenciado nesses espaços sintetizam espaços naturais e a cultura local, diferenciando-se da perspectiva consumista.

Na cidade de Curitiba, os espaços públicos de lazer materializam-se em verdadeiros pontos de encontro da população, contrariando a lógica do lazer entendido numa perspectiva de consumo e entretenimento.

## **CAPÍTULO II**

### **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Esta pesquisa de cunho sócio-histórico sobre a transformação das dinâmicas do tempo e espaço do lazer na região central de Curitiba, têm uma abordagem qualitativa inspirada em alguns elementos da pesquisa histórica. Para se atingir os objetivos propostos procuramos traçar os caminhos dos espaços públicos de lazer no centro da cidade de Curitiba nas décadas de 1960, 1970 e 1980, iniciando por uma descrição da constituição desses espaços a partir da sua criação. Portanto a inspiração na historiografia foi fundamental para essa pesquisa.

Para Lefebvre (2008, p.43) “a história permite elucidar a gênese da cidade e, sobretudo discernir melhor que qualquer outra ciência a problemática da sociedade urbana”, pois “a cidade tem uma história; ela é a obra de uma história, isto é, de pessoas e de grupos bem determinados que realizam essa obra nas condições históricas” (p.52).

Elegemos esse caminho metodológico de pesquisa para investigar o fenômeno do lazer em Curitiba porque acreditamos que o fato de buscar nas fontes elementos que possibilitem o entendimento e a constituição dos espaços públicos de lazer do centro da cidade de Curitiba, pode segundo Melo (1999, p.58) “como tudo o que se presta a contar a história, todos os vestígios que nos permitam ampliar a compreensão historiográfica dos fatos, sejam documentos ou relatos orais, iconografias, letras de músicas e tudo o mais”, elucidar vários aspectos da vida urbana.

Para tal foi importante classificar as fontes em primárias e secundárias. Cardoso, citado por Melo (1999) afirma que as fontes primárias fazem relação direta com o assunto estudado. As fontes secundárias são publicações que se relacionam indiretamente com o assunto, ou então estudos já realizados sobre o tema. Assim, entendemos que artigos de jornais e fotografias encontram-se na primeira classificação e os Boletins Informativos da Casa Romário Martins com publicações sobre os espaços estudados encontram-se na segunda classificação.

Estas fontes mostraram-se de grande importância para o trabalho, pois indicaram a trajetória do lazer nos espaços públicos do centro da cidade. É importante lembrar a necessidade de critério na análise das fontes, pois segundo Ragazzini (2001, p.14), “a fonte é uma construção do pesquisador” e nesta direção Carr (2006, p.47), afirma que “os fatos falam apenas quando o historiador os aborda”. Isso significa que as fontes não oferecem repostas prontas, mas cabe ao pesquisador elaborar questões que possam ser respondidas por elas. No entanto Chaves Jr. (2004, p.13), afirma que “embora seja possível formular-lhe qualquer pergunta, apenas algumas serão respondidas pelas evidências”. Não é possível encontrar respostas que não se encontram nos documentos analisados. Sendo assim, fica claro que a teoria que se formula a partir da análise das fontes deve estar em sintonia com o documento.

Para a pesquisa em questão, foi feito um levantamento das matérias de jornal das décadas de 1960, 1970 e 1980. O levantamento ocorreu nos arquivos da Casa da Memória de Curitiba. Foram selecionadas as matérias que possuíam em seu título algum indicativo de que houve reformas nos espaços estudados e/ou que tivessem relação com o tema do lazer. Posteriormente foi realizada a leitura de todas as matérias de jornal levantadas para então selecionar apenas aquelas que estavam de acordo com o objetivo do estudo.

Para a seleção das imagens, o critério adotado foram as décadas, dando preferência para aquelas que mostrassem parte do cotidiano dos espaços e suas estruturas arquitetônicas.

Quanto a seleção dos espaços estudados, aplicou-se o critério de serem pertencentes ao Setor Histórico de Curitiba, e representarem, segundo dados históricos um momento de transição importante no planejamento da cidade. São eles: a Praça Tiradentes, Largo Coronel Enéas e Rua XV de Novembro que representam o momento de transição importante no planejamento. Para complementar e enriquecer o trabalho, a Praça General Osório foi incluída na pesquisa, pois, embora não faça parte do eixo histórico definido pelo IPPUC, percebeu-se em observações feitas para a realização de trabalho final da disciplina Espaços e Equipamentos de Esporte e Lazer da Cidade do programa de Pós-graduação em Educação Física da UFPR, que este espaço (datado de



1874) é de grande importância no que tange às experiências vividas no âmbito do lazer, pois na sua constituição arquitetônica, encontramos inúmeras possibilidades que foram sendo construídas ao longo de sua história.

Assim, estes espaços constituíram-se em um relevante objeto de estudo visto que o centro da cidade de Curitiba, por muitos anos, foi o principal espaço de encontro das pessoas, já que a cidade se desenvolveu do centro para a periferia.

Segundo França (2007), a maioria dos parques de Curitiba destinados, entre outras coisas, à experiências no âmbito do lazer são da década de 70, criados a partir do plano diretor. Com isso, podemos supor que no período que antecede a implantação do projeto de urbanismo, o centro da cidade (em especial as praças) era o principal ponto de encontro dos sujeitos, pois era ali que o comércio que movimentava a cidade estava instalado. Confirmamos essa idéia a partir da data de inauguração da Praça Tiradentes (1693, marco zero) e Praça Osório (1874), as formas de usos e ainda os equipamentos presentes nestes locais.

### **CAPÍTULO III**

#### **A CIDADE DE CURITIBA E SUA HISTÓRIA PLANEJADA**

A ocupação portuguesa do planalto curitibano teve início no ano de 1649 através da exploração de ouro neste local. No ano de 1650, Eleodoro Ébano Pereira registrou uma pequena povoação às margens da antiga Vilinha (Atuba). No final do século XVII a povoação de Nossa Senhora da Luz e Bom Jesus dos Pinhais, contava com 90 homens e estava instalada ao redor da capelinha existente no centro da atual Praça Tiradentes.

A data oficial de sua fundação é de 29 de março de 1693 quando o povoado recebeu o status de Vila, vindo a se chamar Vila Nossa Senhora da Luz e Bom Jesus dos Pinhais, posteriormente chamada de Curitiba. Seu desenvolvimento se deu a partir do Largo da Matriz, atual Praça Tiradentes (HLADCZUK et. al., 2000).

Já no século XIX, mais precisamente no ano 1816, Auguste de Saint-Hilaire, relata a existência de uma vila tímida com 220 casas. As ruas eram largas, algumas pavimentadas outras apenas diante das casas. A Praça Tiradentes ainda era coberta com um relvado.

Em 1842 Curitiba é elevada à categoria de cidade, tendo que se adaptar às novas exigências do Império, pois a Província do Paraná se tornara independente de São Paulo. O salto de crescimento se dá a partir da chegada dos imigrantes à Curitiba no final do século XIX, dentre eles italianos, poloneses, ucranianos, russos, franceses, austríacos, holandeses e suíços. Segundo Rechia (2003, p.17), “as primeiras intervenções urbanas ocorreram a partir de 1853, em função da emancipação política do Paraná, quando Curitiba foi obrigada a se preparar para transformar-se na capital da nova Província”. É importante destacar a influência européia trazida pelos imigrantes que difundiram os jardins e a preservação de bosques, e também a arquitetura.

Já no ano 1880 são inauguradas a estrada de ferro, o Passeio Público, o Teatro São Theodoro, a Santa Casa de Misericórdia e a primeira linha de bondes (Hladczuk et. al., 2000, P. 06).

Ainda neste ano, Curitiba inicia um modelo de planejamento baseado no estilo francês, “aproveitando” os engenheiros franceses que fizeram parte da

construção da estrada de ferro. O modelo seguido era o de Paris, ao qual pouquíssimas cidades não aderiram, pois esta cidade era tida como a grande capital do século XX. Como Curitiba ainda encontrava-se em crescimento, a adoção do modelo francês foi integral, dando início ao planejamento urbano da cidade (RECHIA, 2003).

Com a população triplicada no início século XX, em 1912, o engenheiro civil Cândido de Abreu assume a prefeitura. Com o fim do mandato e o início da I Guerra Mundial, as transformações ocorrem pouco ou quase nada. Em 1919, assume João Antônio Xavier que dá prioridade a circulação dos meios de transporte. No ano de 1920, Moreira Garcez assume a prefeitura por duas vezes consecutivas, e encontrou a cidade em expansão necessitando de organização. Planejou largas avenidas, criou e remodelou diversas ruas, ordenou o acesso aos bairros, pavimentou diversos logradouros, reformou praças e mudou as feições do centro (Hladczuk et. al., 2000, p.7).

Na década de 30, a decadência da produção ervateira e cafeeira, juntamente com a falta de recursos para investir em obras resultou na adesão de planos urbanísticos hierarquizados que pretendiam dividir a cidade em zonas: Zona I: Central com comércio e moradas de alto padrão; Zona II: Fábricas e moradas para operários qualificados; Zona III: Moradas de operários menos qualificados e pequenos sítios.

Curitiba chegou a década de 40 com aproximadamente cento e vinte sete mil habitantes, e se fizeram necessários novos processos de urbanização, e a partir de então, a cidade passou a dar enorme importância ao planejamento dos espaços, como veremos a seguir (HLADCZUK et. al., 2000).

## O Planejamento Urbano de Curitiba

Segundo Rechia (2003, p.20) “a história formal da continuidade do planejamento urbano na cidade começa efetivamente em 1943”. Com a contratação do engenheiro francês Alfred Agache, teve início o primeiro projeto de planejamento urbano de Curitiba. Tal projeto previa definir áreas específicas na cidade com funções bem determinadas, como: habitação, comércio, indústria e serviços. Contudo, com o crescimento da população, esse plano foi

rapidamente superado e novas estratégias que colocassem a qualidade de vida dos moradores em questão tiveram que ser pensadas. Em 1965 é apresentado à população o Plano Preliminar de Urbanismo (CAGNATO, 2007; FRANÇA, 2007).

Após inúmeros debates em torno deste plano, já no final da década de 60 e início de 70 é que o então denominado Plano Diretor começou a ser implantado sob o acompanhamento do órgão APPUC – Assessoria de Planejamento Urbano de Curitiba – que mais tarde deu origem ao IPPUC – Instituto de Planejamento e Pesquisa de Curitiba – órgão responsável por elaborar e detalhar projetos, bem como executar o Plano Diretor (CAGNATO, 2007; FRANÇA, 2007).

As obras do Plano Diretor incluíram a abertura de grandes avenidas que cortam bairros inteiros interligando-os, e a modernização do transporte coletivo com faixas exclusivas para os mesmos. Segundo Cagnato (2007, p.27)

A principal ênfase do IPPUC a partir desta década foi de resolver problemas que já se haviam instalado na cidade, que são comuns ao crescimento de forma desordenada, ou das ampliações muito velozes, sendo então, que as diretrizes básicas para o IPPUC se relacionavam com o sistema viário, o zoneamento de uso do solo, a regulamentação dos loteamentos e a renovação urbana, entre outros.

Com o Plano Diretor é instituído o Setor Histórico da cidade, e Rua XV ganha o calçadão. Neste sentido, Freitag (2003, p.116) ao classificar as cidades brasileiras, define Curitiba como uma cidade histórica em sua origem, posteriormente destruídas e revitalizadas pela modernidade “tomando como critérios a higienização (O.Cruz e Pereira Passos), o embelezamento (C.Sitte) e a funcionalidade (Hausmann)”, sendo adaptadas ao tráfego e saneamento. A autora afirma que essas cidades estão fazendo esforços no sentido de conservar e revitalizar o patrimônio colonial, mas alerta que os espaços devem manter suas características e usos para os quais foram projetados. Embora os usos para os quais foram projetados não tenham sido mantidos, observamos que esta proposta foi colocada em prática em Curitiba. Percebe-se esse fato na transformação de casas antigas, localizadas no Setor Histórico, em equipamentos culturais para a cidade. Outro exemplo clássico é a

transformação de um antigo paiol de pólvora em um teatro. Esses espaços “históricos” foram inseridos na cidade moderna em crescimento e hoje em dia fazem parte do cotidiano dos curitibanos.

Para além das transformações nos espaços, a década de 80 foi marcada por uma mudança na gestão da cidade. Tal mudança estava vinculada a descentralização da administração, a qual dividiu a cidade em regionais que ficaram responsáveis por gerir os interesses de cada bairro, buscando, segundo documentos oficiais da prefeitura<sup>8</sup> que contam a história do planejamento da cidade, facilitar a comunicação entre o poder público e a população. Neste sentido, a população organizada em regionais passa a ter mais acesso aos serviços municipais, porém fixada em seu bairro, o que de certa maneira alterou o cotidiano urbano.

Estes três momentos do planejamento urbano de Curitiba são importantes para a pesquisa, pois foi com a implantação do Plano Diretor que o centro da cidade passou por grandes transformações, modificando a arquitetura dos espaços, sendo aceitas ou não pela população. Portanto, partiremos para uma descrição dos espaços a serem pesquisados, buscando na história elementos que demonstrem que esses locais se constituíram como um lugar importante para a cidade, e embora a pesquisa tenha seu foco nas décadas de 60, 70 e 80, não podemos deixar de fora dessa descrição as décadas anteriores, pois pensamos ser importante para o aprofundamento das reflexões sobre o uso desses espaços para fruição do lazer.

## A CONSTITUIÇÃO DOS ESPAÇOS E EQUIPAMENTOS NO ÂMBITO DO LAZER

### A Praça Tiradentes

A história da Praça Tiradentes se confunde com a história de Curitiba, sendo o local a partir de onde a cidade se desenvolveu. A sua fundação remete à de Curitiba em 29 de março de 1693. É o Marco Zero da cidade. Já se

---

<sup>8</sup> Disponível em [http://www.ippuc.org.br/pensando\\_a\\_cidade/index\\_hist\\_planej.htm](http://www.ippuc.org.br/pensando_a_cidade/index_hist_planej.htm), visitado em 14/07/2009.

chamou Largo da Matriz e também Dom Pedro II. Leva o nome de Praça Tiradentes desde 1889.

Praça onde foi construída a terceira morada da imagem da Padroeira de Curitiba, Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, que também dava o nome a cidade. A Catedral que ainda hoje lá se encontra, em estilo neo-gótico data do ano de 1893. Em 1993 ganhou o status de Catedral Basílica Menor.

Auguste Saint Hilaire, no ano de 1820, descreveu a vila como uma cidade circular com 220 casas pequenas, ruas regulares e relatou o aspecto da Praça Tiradentes como “quadrada, muito grande e coberta por um relvado” (in Boletim Informativo da Casa Romário Martins, 1997, p.03).

As primeiras posturas urbanísticas foram tomadas neste espaço, partindo dali o primeiro arruamento da cidade. Sendo o coração da então vila, o comércio também se fazia presente neste local.

No ano de 1858, o médico alemão Robert Avé-Lallemant, ao passar pela cidade comentou o festejo do dia da Virgem Maria, em 8 de setembro do mesmo ano, dizendo que “a praça da Igreja esteve particularmente interessante nesse dia” (p.04). Este relato demonstra que a Praça Tiradentes, por ser o centro urbano do momento, parecia ser o ponto de encontro para manifestações religiosas, políticas e comerciais “a Praça da Matriz sempre foi o principal ponto de referência. Como núcleo central, os eventos mais importantes aí se desenrolavam” (Boletim Informativo da Casa Romário Martins, 1997, p.55). Um dos eventos que tiveram a Praça como palco foram os festejos da recepção dos heróis que retornavam da Guerra do Paraguai, mobilizando toda a população.

Podemos citar outros exemplos da Tiradentes como cenário de acontecimentos. Em 1876, a população volta seus olhares para a Praça quando Sr. Ceballos decide levantar vôo num balão empolgando à todos que assistiam suas acrobacias no ar. Este fato foi repetido em fevereiro do mesmo ano pelo mesmo aeronauta, e trinta anos mais tarde no ano de 1909, pela Sra. Maria Aida.

Em 1880 a visita do Imperador D. Pedro II e sua esposa, agitou a cidade que novamente voltou seus olhares para a Praça, onde o Imperador ficou hospedado no imóvel do Comendador Antônio Martins Franco.

Com relação às transformações arquitetônicas realizadas na Praça, teria ocorrido em meados do século XIX, que tinha por objetivo traçar passeios que iam dar numa pequena praça central e plantar árvores nas laterais. No ano de 1875, houve solicitação para o nivelamento e arborização do Largo da Matriz, obra que em 1879 ainda não fora completada. Em 1883 as reformas na praça incluíam um chafariz e um gradil que deveria ser colocado. Para tanto, a prefeitura realizou o nivelamento e retirou o excesso de terra ali existente. Neste mesmo ano foram impostas regras com o intuito de proteger a praça, proibindo o trânsito de carroças por dentro do Largo D. Pedro. Os moradores do entorno deveriam manter a fachada de suas casas limpas e plantar árvores de rápido crescimento. A limpeza pública deveria ser feita no mínimo uma vez por semana. Essas posturas objetivavam manter a Praça e seu entorno conservada para os moradores, o que de fato não ocorreu. A pastagem do gado, mesmo proibida, ainda ocorria no Largo, deixando a população indignada com tal atitude de alguns que danificava a imagem da praça e da cidade.

Os bondes chegam ao Largo Dom Pedro II em novembro de 1887. Com a proclamação da república em 1889, o Largo passa a se chamar Praça Tiradentes. Reformas como o nivelamento, calçamento, aterramento e encanamento ainda precisavam ser realizadas, bem como o plantio de árvores.

A Praça Tiradentes, juntamente com a cidade, passa por grandes transformações no século XIX, seguindo o modelo europeu do olhar higienista sobre os centros urbanos.

Em meados do século XIX, começa a se divulgar e impor uma mentalidade civilizadora com relação à forma de se viver em uma cidade, especialmente com relação aos costumes. Isso envolvia os jogos, as danças, as formas de tratamento, formas de morar e, especialmente, os hábitos de higiene (Boletim Informativo da Casa Romário Martins, 1997, p. 07).

A questão da salubridade era prioridade e com isso a reestruturação da Praça e a preocupação com áreas verdes tornaram-se fundamentais nessa nova maneira de conceber a cidade, assim “o urbano instaurou-se onde antes era a cidade, e o espaço público transformou-se em puro espaço de circulação” (Boletim Informativo da Casa Romário Martins, 1997, p. 08). A cidade vai

perdendo ares de província e vai ganhando título de cidade moderna e planejada.

É no ano 1900, com Luis Antonio Xavier como prefeito, que essas reformas se concretizam e há ainda o assentamento de setenta e cinco bancos. A Praça Tiradentes adentrou o século XX, novamente como o centro da cidade de Curitiba. As novas edificações do entorno não poderiam ter menos de dois pavimentos e as construções de casas e comércio eram uma constante. A preocupação com a salubridade e higiene sempre esteve em pauta, e obras de calçamento e arborização tornaram-se relevantes. Também passou-se a pensar no correto escoamento da água, esgoto e a fisionomia da praça.

As obras de melhorias intensificam-se com Cândido de Abreu como prefeito na década de 1910. Em 1912 a Praça Tiradentes foi reformada, ganhando dois repuxos, um coreto, obras de ajardinamento e espaço de circulação dos bondes elétricos que demarcavam o processo de modernização de Curitiba.

A Praça Tiradentes ainda serviu de palco para inúmeras manifestações como greves e protestos. Em 1913 houve o protesto contra a subida de preço nos artigos primeira necessidade. No ano de 1917 houve a greve geral dos operários e homenagem às nações aliadas na Primeira Grande Guerra. Em abril deste mesmo ano a população se reuniu para apoiar à ruptura de relações do Brasil com a Alemanha, e ainda celebrar uma festa em honra da pátria.

A praça (nesta ocasião em especial tanto a Tiradentes quanto a Osório) mantinha a sua função aglutinadora da população. Como um território aberto, democrático e centro do núcleo urbano, era nesse espaço privilegiado que os eventos públicos poderiam ocorrer; a *'reunião de todas as classes sociais curitibanas'* e mesmo dos imigrantes recém-chegados, só poderia ser efetivada num lugar supostamente neutro (Boletim Informativo da Casa Romário Martins, 1997, p.65).

Embora inúmeras reformas tenham sido feitas, a Tiradentes entra na década de 1930 com obras inacabadas e com ares de abandono. A principal reclamação era da água que se acumulava nos dias de chuva. Um artigo da Gazeta do Povo do ano de 1934 descreve a praça como “Uma lagoa em pleno coração da cidade” (Boletim Informativo da Casa Romário Martins, 1997, p.



26). Neste mesmo ano, teve início uma nova pavimentação. Desta vez, a reclamação centrava-se na antiguidade dos imóveis da praça.

Na década de 40, Curitiba sofreu um surto de crescimento o que a colocou como a quinta cidade com maior número de construções diárias. Neste mesmo período, o prefeito encomendou à firma Coimbra Bueno & Cia Ltda um plano de urbanização da cidade, tendo Alfred Agache como urbanista responsável. De acordo com o Boletim Informativo da Casa Romário Martins (1997), na resenha do plano urbanístico, Curitiba é apontada como uma cidade que, apesar do crescimento acelerado, ainda não possuía ares de capital. Curitiba havia crescido de maneira dispersiva, sem um plano diretor para guiá-la. Para os urbanistas, a Praça Tiradentes não possuía forma definida.

Devido a sua importância histórica, pouco foi feito na Praça Tiradentes. As propostas para o local foram a construção de duas pérgulas centrais para a população descansar nos dias de verão e o plantio de árvores apenas ao redor da praça, com o intuito de deixar que o “interior” recebesse com mais intensidade a luz do sol. O plano ainda previa a construção da prefeitura na face da Tiradentes, e um estacionamento subterrâneo. Critérios como o de não barrar o fluxo dos pedestres nas praças eram seguidos a risca pelos engenheiros que faziam o planejamento de espaços desta natureza.

O desenho elaborado pela equipe do Plano Agache<sup>9</sup> mantinha a mesma configuração espacial da praça: uma grande área ladeada por vias de tráfego e outro espaço menor, defronte à Catedral, como até recentemente existia, onde se localiza o marco zero da cidade. A Tiradentes passou à década seguinte sem profundas mudanças (Boletim Informativo da Casa Romário Martins, 1997, p.31).

Nos anos 50, a cidade sentia as mudanças trazidas pela modernidade, mas a Praça Tiradentes, local mais movimentado e um dos mais antigos de Curitiba, mantinha-se resistente ao progresso.

O acontecimento mais insólito ocorrido na Tiradentes, no ano de 1959, ficou conhecido como a Guerra do Pente, quando um consumidor exigiu uma nota fiscal discriminada pela compra de um pente, mas o comerciante se

---

<sup>9</sup> Ver nota de rodapé 3.

recusou a dá-la. A história apresenta duas versões para o início da briga, mas de fato, a cidade ficou em guerra por três dias, se estendendo para outras localidades do centro da cidade.

A Praça Tiradentes entra na década de 60 transformada em corredor de transporte. Desde a chegada dos bondes elétricos a praça foi terminal do transporte coletivo e por isso teve a direção das suas vias alteradas na medida em que o tráfego de automóveis e pedestres aumentava.

Na década de 70 a praça passou por modificações, tendo sempre como objetivo melhorar o fluxo no local, separando os veículos particulares dos coletivos, construindo uma pequena ilha em frente a Catedral.

Nos anos 80, a praça, fadada a terminal de transporte coletivo, ganhou novos abrigos de ônibus, reconstrução de meios-fios, calçadas e nivelamento do piso em petit-pavê. A transformação mais recente foi em 1994, ao que parece na tentativa de devolver a Praça aos cidadãos, foi ampliada a área de circulação de pedestres em frente à Igreja e o tráfego de automóveis particulares foi interditado.

Historicamente, junto com a Rua XV de Novembro, a Praça Tiradentes era o núcleo comercial de Curitiba, tornando-se assim percurso obrigatório dos curitibanos que passavam pelo centro. Esta realidade foi modificada com a expansão da cidade, a criação de pequenas áreas comerciais nos bairros e o surgimento dos *Shoppings Centers* (BOLETIM INFORMATIVO DA CASA ROMÁRIO MARTINS, 1997).

A descrição densa da Praça Tiradentes, demonstra de que forma este espaço foi se constituindo, historicamente, como um lugar importante para a cidade e para os cidadãos que a vêem como um elo entre o passado e presente, palco para manifestações, local de passagem, ponto de parada de ônibus e espaço para a contemplação.

### A Praça General Osório

Em meados do século XIX o espaço da Praça era apenas um grande pântano formado pelo rio Ivo. Pensando na salubridade e no progresso da cidade, no início dos anos de 1870, foi aberta uma rua que ligava esse espaço

às demais áreas do centro. Em 9 de fevereiro de 1874 o charco foi aterrado e recebeu o nome de Largo Oceano Pacífico e em 1879 passou a se chamar Praça General Osório, como é conhecida até hoje, embora os curitibanos a chamem apenas de Praça Osório.

É quando ganha o título de Praça que este lugar ganha importância como um espaço público de lazer. No final do século XIX e início do XX o espaço da Praça Osório já era “utilizado” para vivências no âmbito do lazer e da política. Espetáculos circenses e manobras militares eram ali realizados. A Praça tornava-se ainda mais importante na vida dos cidadãos, pois em períodos de seca eram abertos veios d’água para servir a população (BOLETIM CASA ROMÁRIO MARTINS, 2006).

Em 1903 o prefeito Luis Xavier manda arborizar avenidas passando pela Praça. O prefeito ainda destacou o calçamento, a terraplanagem e o revestimento com saibro e pedregulho, lajes rejuntadas através do largo. Foi entregue a população em 29 de outubro de 1905.

A partir dessa época, a praça consolidou-se como local de lazer e entretenimento. Um pitoresco ponto de diversões passou a ocupar parte da Praça Osório, em outubro de 1907.[...] Um cinematógrafo atraía um multidão ansiosa em apreciar as imagens que o aparelho exibia. Ao redor do cinema, barraquinhas vendiam guloseimas e, em um coreto, bandas se apresentavam. (Boletim Casa Romário Martins, 2006, p.26).

Outros eventos ainda tiveram a Praça como palco, tal é o caso da festa à Bandeira Nacional em 19 de novembro de 1909. Posteriormente, foi construída uma torre de madeira de 32 metros de altura que sustentava uma enorme bandeira do Brasil.

No período compreendido entre 1913 e 1916 a Praça sofreu grandes intervenções e recebeu um tratamento paisagístico de influência francesa, dada a origem do arquiteto responsável pela obra. A Osório ganhou caminhos que desembocavam num repuxo central decorados com estátuas de sereias e de um cisne. No coreto da Praça, instalado em 1914, aconteciam apresentações de bandas marciais, contribuindo para a fruição do espaço da Osório para as manifestações no âmbito do lazer, pois segundo Jacobs (2007)

a música, juntamente com o esporte, a festa e o teatro são atrativos poderosos que propiciam a diversidade e a apropriação.

Em 1927 os caminhos ganharam asfalto e o calçamento foi decorado em *petit pavet*. Na década de 1950 foi instalado um *playground* “que se tornou a principal atração para a garotada” (Boletim Casa Romário Martins, 2006, p.27).

A partir daí, pouco se alterou na praça. No ano de 1962 algumas reformas de manutenção foram feitas, como revestimento em pastilha do chafariz e um novo mostrador para o relógio.

Na década de 70, com as mudanças ocorridas no centro da cidade, a Praça Osório ganhou estrutura que possibilitava novas experiências no âmbito do lazer com novos brinquedos no *playground*, um complexo esportivo, etc.

Nos anos 80 a Osório ganhou um novo coreto para lembrar o antigo que ali existia e, o mais importante acontecimento foi a manifestação popular que deu início a campanha Diretas Já, marcada por um monumento instalado na praça.

Nos anos 90, projetos para a revitalização começaram a ser estruturados e em 2001 foram entregues à população pelo então Prefeito Cássio Taniguchi. Os engraxates ganharam seu próprio espaço (Boca do Brilho), o *playground* foi modificado e o campo de areia ganhou asfalto. A Praça ainda “abre” espaço para receber as feiras temáticas que ocorrem ao longo do ano. Na placa instalada para marcar a revitalização a Praça é definida como: “área verde destinada ao lazer, encontro, esporte, ao bem-viver”.

É do conhecimento de todos os moradores da cidade que a Praça Osório além de abrigar manifestações culturais e artísticas, também abre espaço para manifestações políticas, tendo a Boca Maldita<sup>10</sup> como o palco principal destas “lutas”.

---

<sup>10</sup> Tribuna livre criada em 1957 e institucionalizada em 13 de dezembro de 1966. Um dos fundadores, Anfrísio Siqueira, é seu eterno presidente. Poderosa e machista, a Boca é famosa desde que se atribuiu a ela a responsabilidade pela cassação, nos anos 70, do governador do Estado Haroldo Leon Peres. Seu lema é "nada vejo, nada ouço, nada falo". Durante a ditadura militar, funcionou como tribuna livre. Fica no calçadão da Avenida Luiz Xavier, em frente aos cafés.

(Disponível em: [http://www.curitiba.pr.gov.br/pmc/a\\_cidade/Roteiros/LinhaPinhao/47.html](http://www.curitiba.pr.gov.br/pmc/a_cidade/Roteiros/LinhaPinhao/47.html), visitado em 11/02/2009).

## O Largo Coronel Enéas

Mais conhecido como Largo da Ordem, seu nome oficial é Largo Coronel Enéas desde 1917. Já foi "Pátio de Nossa Senhora do Terço" quando em 1737 foi construída a primitiva capela de mesmo nome. Em 1752 a igreja foi doada aos religiosos franciscanos e passou a se chamar Igreja da Ordem Terceira de São Francisco das Chagas, ou simplesmente Igreja da Ordem, e o espaço ficou conhecido como "Pátio de São Francisco das Chagas". No ano de 1860, os documentos apresentam a denominação de "Largo da Ordem Terceira". Foi em 1917 que recebeu o nome atual de "Largo Coronel Enéas". Embora não seja seu nome oficial, há mais de 70 anos, a população continua a chamar este espaço de Largo da Ordem.

Mesmo não sendo o marco inicial da cidade, é tido como um dos pontos mais antigos de Curitiba. Era o centro comercial e pólo aglutinador onde os colonos vendiam seus alimentos trazidos da periferia para o centro. Outro fator que favorecia o Largo como espaço de convivência era a existência de uma fonte de água que abastecia a cidade, que posteriormente virou chafariz para facilitar a captação de água e finalmente, demolido em 1910, dando lugar a um mictório público, vindo a ser demolido anos mais tarde. Como o deslocamento era feito com carroças, em 1932 foi construído um bebedouro para animais, preservado até os dias de hoje (HLADCZUK et. al., 2000).

No Largo da Ordem encontram-se as duas últimas construções do período colonial, a Igreja da Ordem e a Casa Romário Martins.

O Largo entra as próximas décadas como sendo um espaço dedicado ao comércio de secos e molhados, mas com um imenso valor histórico para a cidade. Na década de 60, seu espaço ainda é aberto para os carros. Por sua importância histórica, em 1971 é decretado o Setor Histórico de Curitiba do qual o Largo é o berço.

Na década de 70, com o Plano de Revitalização do Setor Histórico, o IPPUC tinha por objetivo, transformar o Largo Coronel Enéas em local de exposições e espetáculos ao ar livre. Outra proposta, que com certeza obteve êxito, foi a transferência da Feira da Praça Zacarias para o Largo da Ordem, dando origem a atual Feira Hippie. A feirinha ganhou destaque na década de

60, chegando nos anos 70 com 52 expositores. Hoje este número passa de 700 barracas autorizadas que vivem da venda de produtos artesanais<sup>11</sup>.

Por estar atrelada a Igreja da Ordem, o Largo sempre foi palco de grandes acontecimentos sociais, principalmente religiosos. Quando a igreja foi reformada em 1978, deu-se início a I Festa de São Francisco da Ordem, quermesse anual que tem por fim arrecadar fundos para ajudar a população carente.

No início dos anos 80, assim como a Rua XV, a área do Largo da Ordem foi fechada para automóveis – podendo entrar carros em determinados horários – procurando fazer deste local um espaço destinado ao lazer, oferecendo várias atividades comerciais e culturais, constituindo-se assim, num dos principais pontos de encontro da população curitibana (HLADCZUK et. al., 2000).

#### A Rua XV de Novembro

Fechada para carros desde 1972 e tombada como patrimônio, a Rua XV foi a primeira do Brasil a adotar o calçamento, sendo planejada para o pedestre. De acordo com o Boletim Informativo da Casa Romário Martins (1996, p.01) “a 15 oferece uma riqueza inigualável para analisar o processo de desenvolvimento urbano da cidade”.

Desde os fins do século XIX, com a presença de variados tipos de comércio e espaços culturais, a Rua XV foi se consolidando como a principal rua de Curitiba.

Em meados do século XIX, a rua era estreita e mal-iluminada, com construções baixas. Nesta época era chamada de Rua das Flores. Em 1860 a rua era formada por três quadras apenas. Da atual Dr. Muricy até a Barão do Rio Branco. O que impedia a sua expansão era o terreno banhado nas duas extremidades, problema que perdurou por duas décadas.

No ano de 1880, com a visita do Imperador Dom Pedro II, a Rua XV já se encontrava em melhores condições, apresentando calçamento e iluminação a gás. Esta visita ocasionou a primeira mudança de nome do logradouro,

---

<sup>11</sup> Disponível em: <http://www.hagah.com.br/cultura/>, visitado em 27/05/2009.

passando de Rua das Flores para Rua da Imperatriz. Durante esta época, com o desenvolvimento da cidade, a rua passou por transformações para receber os bondes de tração animal.

Com a Proclamação da República em 1889, a Rua da Imperatriz passou a se chamar Rua XV de Novembro, nome que leva até hoje, conhecida pelos curitibanos apenas como Rua XV.

No ano seguinte a rua foi calçada com paralelepípedo e já apresentava melhorias como eletricidade e água encanada. Com isso a Rua XV atraía um número cada vez maior de comerciantes.

O grande número de imigrantes que chegavam a Curitiba, também contribuía para as mudanças que ocorriam na cidade, principalmente na arquitetura dos prédios e nos costumes do povo. Mudanças ocorriam também nos produtos que eram vendidos. Nos anos de 1896 a 1899 o forte do comércio eram as roupas finas e artigos importados, atraindo uma clientela cada vez mais sofisticada para o comércio da Rua XV.

No início do século XX, o comércio estava definitivamente concentrado na Rua XV, sendo o logradouro das lojas de vestuário, calçados, chapéus, alfaiatarias, livrarias, cafés, restaurantes e confeitarias. De acordo com Wachowicz (in Boletim Informativo da Casa Romário Martins, 1996, p.14) a XV “era a primeira rua curitibana, que já não se deixava cobrir pelo capim e conseqüentemente, não se viam mais animais pastando em seu leito”, o que destacava a Rua XV das demais ruas da cidade.

Além do comércio ali instalado, a Rua era o espaço preferido para realização de eventos como procissões, desfiles cívicos e blocos carnavalescos. A localização dos principais jornais nesta rua, colaborou para que ela se transformasse no principal espaço de manifestações políticas.

Outras reformas foram sendo feitas a medida que a Rua XV se tornava a principal rua de comércio de Curitiba (BOLETIM INFORMATIVO DA CASA ROMÁRIO MARTINS, 1996).

Esta pequena parte da história da Rua XV ilustra a sua importância comercial para o desenvolvimento da cidade desde o século XIX até os dias atuais. Dando um salto no tempo, mas sem perder a sua relevância, no início dos anos 70, o então prefeito Jaime Lerner entende que a Rua XV deve ser do

cidadão e com isso determina que a rua seja fechada para os carros. Obviamente essa medida não agradou aos comerciantes locais que acreditavam que, desta forma, a clientela não chegaria até a loja. Fato curioso é que para não enfrentar a revolta dos lojistas ou medidas judiciais, a rua foi fechada em um final de semana, iniciando a obra na sexta-feira após as 18h.

Para a surpresa dos comerciantes o fechamento para carros garantiu e garante à Rua XV um ponto comercial privilegiado, onde os pedestres caminham por ela sem se preocupar com os veículos.

Pelo fato de poder caminhar sem disputar o espaço com os automóveis, a rua além de ponto comercial, ainda serve de passagem para trabalhadores, estudantes, transeuntes, etc. Próximo à Avenida Luiz Xavier, encontram-se bares em uma esplanada com mesas e cadeiras. Para a prefeitura, a população parece entender este espaço como o jardim da casa, e por isso tornou-se um lugar importante para o cidadão curitibano.

Já consolidada como a sala de estar do curitibano, pouco se alterou na década de 80. Alguns equipamentos instalados na década anterior foram retirados, outros permaneceram, mas nesse período o enfoque estava na despoluição visual da Rua XV.

Elementos da arquitetura moderna já se mostravam presentes na década de 60 e 70, mas é na década de 80 que surge a preocupação com a estética da Rua. Como a XV sempre foi o ponto comercial da cidade, as lojas, de alguma forma, tinham que chamar a atenção dos clientes com propagandas visuais, primeiro em neon depois em luz fria. Placas enormes que pudessem ser lidas a distância também faziam parte dessa estratégia. Isso ocorreu sem uma preocupação com o conjunto arquitetônico do local.

Prédios antigos ganharam nova cara com blocos de acrílico que tampavam o conjunto arquitetônico do local e que ocasionaram alguns problemas como incêndios que não foram possíveis de se controlar.

Novamente pensando na preservação do espaço e de devolver a Rua ao cidadão, o prefeito Jaime Lerner no dia 12 de maio de 1981 assina o decreto que regulamenta a publicidade ao ar livre, e tem início assim a ofensiva despoluição visual da Rua XV, procurando preservar e conservar a história da cidade (BOLETIM INFORMATIVO DA CASA ROMÁRIO MARTINS, 1981).



## **CAPÍTULO IV**

### **ESPAÇOS TRANSFORMADOS: A RELAÇÃO ENTRE O LAZER E O PLANEJAMENTO URBANO ATRAVÉS DOS TEMPOS**

#### **PRAÇA TIRADENTES: UM ESPAÇO “ILHADO”**

A importância da Praça Tiradentes está no fato de ser o Marco Zero da cidade e por essa razão seu aspecto físico pouco se alterou, como se observa no Plano Agache. Embora houvesse planejamento para algumas alterações, elas não se efetivaram devido a importância histórica da Praça. O Plano Agache indicava que a Praça Tiradentes não poderia sofrer transformações radicais, pois os próprios frequentadores dariam o sentido e significado ao espaço, (re)significando seu uso caso necessário:

Os estudos não só da Tiradentes como também das demais praças centrais seguiram determinados critérios, entre eles o de não barrar o fluxo natural dos caminhos normalmente utilizados pelos transeuntes. De acordo com a concepção do Plano, se fossem adotados outros desenhos, a própria população se incumbiria de marcar seus costumeiros caminhos por cima dos canteiros (Boletim Informativo da Casa Romário Martins, 1997, p.30).

Por essa razão, a Praça Tiradentes entrou os anos de 1950 com poucas mudanças no seu aspecto físico.

Embora seja um espaço de relevância histórica, desde a chegada dos primeiros bondes a Curitiba, a Praça Tiradentes se transformou num terminal de transporte sendo essa uma das suas funções principais.

Nos anos de 1960 a Praça vai se consolidando como corredor de transporte público, e poucas são as opções no âmbito do lazer. O espaço é marcado por uma extensa área verde, bancos em madeira e o Adro da Igreja. “A Tiradentes preserva apenas a função simbólica de ponto mais central de Curitiba” (Boletim Informativo da Casa Romário Martins, 1997, p. 37).

Segundo o mesmo Boletim:

A poluição sonora causada pelo trânsito de veículos sobrepõe-se ao som resultante dos grupos em rodas de conversa, dos vendedores

ambulantes, dos estudantes, dos aposentados, das prostitutas, dos meninos de rua e dos solitários observadores sentados nos bancos da praça; sobrepõem-se aos passantes apressados que, como os demais, raramente percebem os monumentos de celebração ali plantados.



**Figura 1 – Praça Tiradentes (1968)**

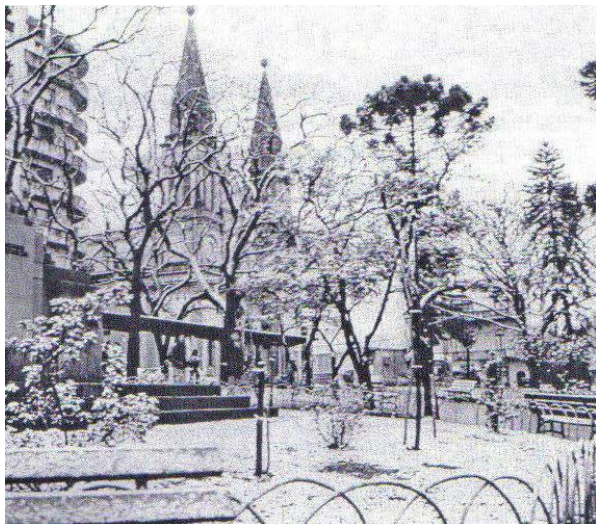
**Fonte: Acervo da Casa da Memória/Diretoria do Patrimônio Cultural/Fundação Cultural de Curitiba/Coleção Fundo Casa da Memória**

Na figura 1 podemos observar o traçado da praça e a Igreja, ainda sem o recorte entre as duas e observamos ainda alguns pontos de ônibus, confirmando o uso que a Tiradentes ganhou. Porém, é possível observar que há pessoas caminhando pelo espaço da Praça, o que nos leva a pensar nas possíveis brechas que surgem a partir desse uso principal e que possibilitam, mesmo que por pouco tempo, um momento para o encontro, para a contemplação, para o lazer.

A Praça entra a década de 1970 sem grandes mudanças, apenas ao seu final o comércio no entorno começa a ganhar força juntamente com o transporte, movimentando um número grande de pessoas no local.

No ano de 1974 o Jornal Diário do Paraná (O alegre espaço da comunicação, jun/1974), ao relatar a Rua XV como ponto de encontro, afirma que a Tiradentes bem como outras praças que foram destinadas à terminal de transporte público, já não servem mais para o lazer da população. Estes espaços se tornaram lugares intermediários entre trabalho e transporte.

Por volta do ano de 1975, pensando no fluxo dos ônibus e automóveis, a Praça foi recortada por uma rua, que originou uma ilha em frente a Catedral, separando-a da Praça (figura 4).



**Figura 2 – Praça Tiradentes (1975)**

Fonte: Acervo da Casa da Memória/Diretoria do Patrimônio Cultural/Fundação Cultural de Curitiba



**Figura 3 – Praça Tiradentes (1975)**

Fonte: Acervo da Casa da Memória/Diretoria do Patrimônio Cultural/Fundação Cultural de Curitiba  
Autor: PIRES, Jack

Na figura 2 é possível observar as características físicas da Praça Tiradentes, com bancos em madeira e um espaço verde, com árvores e plantas.

Já na figura 3 vemos os ônibus circulando no entorno e seus pontos. Demonstrando e confirmando mais uma vez que o uso principal do espaço da Praça Tiradentes estava destinado à terminal de transporte coletivo.

Lembramos novamente a possibilidade de existirem brechas nos tempos entre um ônibus e outro, uma parada e outra.

O Jornal dos Bairros (Praça Tiradentes: engraxates e coberturas se constituem em dois grandes problemas, out/1979), nos dá um panorama geral da situação da Praça, lembrando que os ônibus e táxis tomam conta do espaço. O comércio do entorno é o mais variado, desde supermercado até loja de eletrodoméstico. A movimentação do local é dada por “businas e gente correndo”.

Esta situação de terminal acaba por ocasionar um esvaziamento da Praça Tiradentes e com isso, as poucas pessoas que ocupam este espaço, são vistas de maneira negativa como nos mostra a reportagem citada acima, sendo tomados como causadores de problemas por serem desocupados ou trabalhadores informais, como é o caso dos engraxates. Assim, para alguns essa ocupação é tida como um problema.

O problema de ordem física citado pela mesma reportagem, diz respeito aos abrigos dos ônibus que em dias de chuva não oferecem proteção as pessoas.

Nos anos de 1980 as obras realizadas na Tiradentes também estavam ligadas a melhorias no transporte. Novos abrigos são instalados, é feito o calçamento e nivelamento do piso e a reconstrução de meios-fios.



**Figura 4 – Praça Tiradentes (Década de 1980)**

**Fonte: Centro histórico: espaços do passado e do presente**

Na figura 4 é possível observar o recorte existente entre a Praça e o espaço onde se localiza a Igreja.

Vemos que, devido ao uso quase exclusivamente destinado ao transporte, a Praça Tiradentes sofreu poucas alterações na sua configuração no que diz respeito à equipamentos de lazer. As principais mudanças ocorridas estão relacionadas à obras de melhoria do fluxo de veículos.

Essas constatações realizadas pelos jornais das décadas estudadas vêm confirmar as preocupações de Jacobs (2007) a respeito da pressão dos automóveis sobre as pessoas, que podem afastar os sujeitos dos espaços públicos de lazer. Segundo as reportagens descritas acima, o destino da Tiradentes, ao longo dos anos, deixou de ser o de ponto de encontro entre os moradores da cidade, para simplesmente servir de terminal de transporte público e garantir o bom fluxo de automóveis particulares.

#### PRAÇA GENERAL OSÓRIO: UM ESPAÇO DINÂMICO

Essa praça foi criada para resolver problemas de insalubridade, pois segundo Boletim Casa Romário Martins (2006, p.25), era “um grande pântano formado pelo rio Ivo” sendo um terreno alagadiço, pensando na saúde dos moradores e desenvolvimento da cidade a praça foi construída. A partir dessa construção o espaço tornou-se asséptico, possibilitando a apropriação da população no âmbito das experiências no tempo e espaço de lazer, assumindo essa característica até os dias de hoje.

Nos anos de 1960 as reformas na praça tinham como objetivo a manutenção dos espaços.



**Figura 5 – Reforma do ajardinamento (1960)**

**Fonte: Acervo da Casa da Memória/Diretoria do Patrimônio Cultural/Fundação Cultural de Curitiba/ Coleção Arthur Wischral**

**Autor: WISCHRAL, Arthur**

Na figura 5 podemos observar as obras de melhoria dos jardins no interior da Praça. Ao fundo da imagem é possível observar algumas pessoas sentadas em um banco de madeira. Quanto ao aspecto físico, para além dos jardins, observamos que o espaço é bastante arborizado.

No ano de 1964 a praça ganha, como opção de lazer infantil, um *playground* e ainda bancos em madeira espalhados em toda sua dimensão.



**Figura 6 – Construção do parque de recreação infantil (1964)**

**Fonte: Acervo da Casa da Memória/Diretoria do Patrimônio Cultural/Fundação Cultural de Curitiba/ Coleção Arthur Wischral**

**Autor: WISCHRAL, Arthur**

Na figura 6 é possível observar o andamento da obra do parque de recreação infantil. O primeiro parque ali existente foi construído no ano de 1950 (BOLETIM INFORMATIVO CASA ROMÁRIO MARTINS, 2006).



**Figura 7 – Praça Osório (1966)**

**Fonte: Acervo da Casa da Memória/Diretoria do Patrimônio Cultural/Fundação Cultural de Curitiba**

Na figura 7 observamos os passeios e os jardins da praça, bem como sua arborização e iluminação. Ao fundo da imagem é possível observar um dos vários bustos encontrados neste espaço.

No ano de 1970 a prefeitura constrói um complexo esportivo e instala o escorregador *Robot*, segundo o Boletim “muito disputado pelas crianças”.





**Figura 8 – Escorregador *Robot*, um dos poucos brinquedos que fugiu do modelo tradicional por sua forma de Robô, sendo que dois escorregadores partiam dos braços do boneco.**

**Fonte: O Estado do Paraná (1997)**

Segundo Jacobs (2007), as quadras de esporte, funcionam como elementos de primeira necessidade nos parques e praças, juntamente com as festas ou atividades com esse caráter. Esses elementos têm a função de agregar pessoas e com isso manter a vitalidade dos espaços.

Ainda nesta década, há indicativos de que a praça encontra-se mais equipada para conforto dos curitibanos. Segundo reportagem do jornal Gazeta do Povo (Osório, uma praça de muita vida e história, jan/1974), os equipamentos encontrados na praça como as bancas de revista, telefones públicos, sanitários e ponto de táxi, garantem uma autonomia ao local e possibilita com que as pessoas permaneçam neste espaço devido as suas condições. Ainda no entorno da praça há as opções de um cinema e de um bar tradicional da cidade, o Bar Stuart.

Jacobs (2007) ao analisar parques norte-americanos conclui que a diversidade presentes nesses locais garante a vida dos espaços. Podemos transpor essas análises para a Praça Osório, pois a variedade de espaços presentes na praça e no entorno dela, garantem vida a Osório, nas palavras da autora:



A variedade de usos dos edifícios propicia ao parque uma variedade de usuários que nele entram e dele saem em horários diferentes porque seus compromissos diários são diferentes. Portanto, o parque tem uma sucessão complexa de usos e usuários (p.105).

A autora ainda afirma que se os parques forem localizados no centro, como é o caso da Praça em questão, neste espaços devem conviver “lojistas, visitantes e transeuntes, além de funcionários” e segue dizendo que “somente uma vizinhança diversificada tem o poder efetivo de induzir uma fluência natural e permanente de vida e de usos” (p.110).

A Praça Osório entra os anos de 1980 sem grandes alterações em seu aspecto físico, porém em outubro de 1985 é instalado um novo coreto a fim de relembrar aquele que um dia lá existiu. Pensado como mais um equipamento de lazer, o coreto não caiu no gosto da população. Segundo reportagem do Jornal do Estado (Nessa praça, nessa praça, tinha um coreto, um coreto! nov/1985), o novo não tinha nada a ver com o velho e foi colocado no meio da avenida “atrapalhando o trânsito de pedestres” e o acesso ao centro da praça. A reportagem ainda se refere ao coreto como “esteticamente de mal gosto e pequeno de mais”, pois não comportava várias pessoas e/ou equipamentos de som ao mesmo tempo, sendo removido anos mais tarde. Uma reportagem da Gazeta do Povo intitulada (Coreto na Boca, o alvo de permanentes debates, jan/1991) vem confirmar a idéia de que o coreto era uma figura estranha na Praça Osório.

Entretanto a Fundação Cultural de Curitiba utilizava o espaço do coreto como atelier de pintura. Segundo reportagem do Jornal do Estado intitulada (Vamos brincar e pintar no Coreto da praça, abr/1986) o coreto era “transformado em uma extensão do Centro Juvenil de Artes Plásticas”<sup>12</sup>.

Como já foi comentado, a Osório possui uma variedade de espaços que segundo Jacobs (2007) garantem o seu sucesso perante a população. Nesse sentido, a diversidade nos espaços atrai as pessoas para a Osório, onde existe inúmeras possibilidades. A Praça é o lugar de descanso, de contemplação, do

---

<sup>12</sup> Neste período a unidade da Secretaria da Cultura e do Esporte mantinha juntamente com o Centro Juvenil de Artes Plásticas o projeto denominado “Pinte o Parque”, onde um grupo de crianças participantes dos cursos retratam a cidade e situações corriqueiras.

esporte, da brincadeira, do café, da arte, do trabalho, da política, e todas essas possibilidades só são possíveis devido ao seu espaço físico.

A Osório entra a próxima década sem muitas alterações, sofrendo reformas apenas nos anos 90.

## LARGO CORONEL ENÉAS: UM ESPAÇO HISTÓRICO

A história do Largo da Ordem sempre esteve atrelada ao comércio e a fundação da cidade. Por ser um dos pólos comerciais, a reunião de pessoas sempre movimentou esse espaço, pois as mesmas freqüentavam o Largo da Ordem a fim de encontrar os produtos desejados nos armazéns ali localizados. Mesmo que a movimentação de pessoas se desse a partir do consumo, este espaço adquiriu significativa importância para a cidade, sendo um dos pólos comerciais. A Igreja ali construída (Igreja da Ordem Terceira) demonstra a possibilidade de existir outras relações entre os sujeitos, e não apenas a relação de consumidor. O mesmo ocorria e ocorre com o bebedouro dos cavalos, conservado pela prefeitura como o marco de uma época e que acabou por se tornar, segundo o jornal Correio de Notícias (Setor Histórico ou um novo Centro Gastronômico?, out/1979), “ponto de reunião de intelectuais”.

Nos anos de 1960 a configuração espacial do Largo resumia-se à casas comerciais, a Igreja e ao bebedouro dos cavalos. Embora não possuísse uma infinidade de espaços propícios para diferentes usos no âmbito do lazer como os que encontramos hoje como bancos, *playgrounds*, etc., a movimentação de pessoas neste local sempre foi um fato claramente observável dado a sua função principal. Jacobs (2007) afirma que o comércio é um dos geradores de diversidade da cidade e, portanto um aglutinador de pessoas no espaço da rua.



**Figura 9 – Armazém Roque (Década de 1960)**

**Fonte: Acervo Casa da Memória/Diretoria do Patrimônio Cultural/Fundação Cultural de Curitiba**

Neste sentido podemos observar na figura 9 pequenos detalhes do cotidiano do Largo da Ordem. Em destaque o Armazém Roque, que posteriormente veio dar origem a Casa Romário Martins. Vemos também o trânsito livre de carros e pedestres trafegando nas calçadas. Nos chama a atenção o fato de dois sujeitos parados na calçada, em frente ao armazém, ao que tudo indica, desfrutando de um momento para uma conversa.

Já nos anos de 1970, o Largo da Ordem ganha mais alguns atrativos. Seu aspecto físico pouco se altera, mas no final da década começamos a observar algumas mudanças que na década de 80 marcam uma nova fase a partir do momento em que o espaço foi fechado para carros e aberto somente aos pedestres. Podemos observar essa transição nas imagens a seguir.



**Figura 10 – Inauguração da Casa Romário Martins (1973)**

**Fonte: Acervo Casa da Memória/Diretoria do Patrimônio Cultural/Fundação Cultural de Curitiba/Coleção Fundo Casa da Memória**



**Figura 11 – Vista da Casa Romário Martins (1974)**

**Fonte: Acervo Casa da Memória/Diretoria do Patrimônio Cultural/Fundação Cultural de Curitiba**



**Figura 12 – Vista da Casa Romário Martins (1978)**

**Fonte: Acervo Casa da Memória/Diretoria do Patrimônio Cultural/Fundação Cultural de Curitiba**

**Autora: HILDAMARIA**



**Figura 13 – Festa 285 anos de Curitiba (1978)**

**Fonte: Acervo Casa da Memória/Diretoria do Patrimônio Cultural/Fundação Cultural de Curitiba**



**Figura 14 – Vista da Igreja da Ordem (1979)**

**Fonte: Acervo Casa da Memória/Diretoria do Patrimônio Cultural/Fundação Cultural de Curitiba**

**Autor: MARAVALHAS, Haraton**

Nas figuras 10 e 11, observamos que o Largo da Ordem ainda encontrava-se aberto aos carros, dado o desnível entre a rua e a calçada e ainda o número de carros que observamos nas imagens. Porém, a inauguração da Casa Romário Martins<sup>13</sup>, vem consolidando as idéias do prefeito Jaime Lerner com relação a preservação da memória da cidade e assim o Largo da Ordem começa a ser considerado um espaço cultural. Para Jacobs (2007), os atrativos culturais, juntamente com o comércio são geradores de diversidade.

Na figura 12 em comparação com as figuras 10 e 11, já se pode perceber que o desnível entre a rua e a calçada é bem menor, podendo indicar que havia uma preparação para o fechamento das ruas. Ainda há um automóvel ao fundo da imagem, mas observamos que há pessoas transitando livremente sem se confrontar com os carros.

Na figura 13 observamos o uso do espaço do Largo da Ordem para festejos. Observamos também, em primeiro plano, a escadaria da Galeria Júlio Moreira que integra a Praça Tiradentes com o Largo da Ordem. Nesta mesma imagem conseguimos observar alguns bancos de madeira dispostos ao redor do bebedouro.

---

<sup>13</sup> Centro de informações gerais sobre a cidade e Arquivo Histórico Municipal. (Disponível em [http://www.casadamemoria.org.br/index\\_historico.html](http://www.casadamemoria.org.br/index_historico.html), visitado em 10 de novembro de 2009.)

Já na figura 14, observamos claramente os bancos de madeira dispostos ao redor do bebedouro. Notamos ao fundo que os carros ainda transitam pelo espaço cada vez mais disponível aos sujeitos. Percebemos também que há dois grupos de pessoas sentadas nos bancos, demonstrando a idéia do Largo da Ordem ser um espaço destinado às pessoas e ao lazer. Essa possibilidade se deu a partir do planejamento do espaço com a colocação dos bancos de madeira.

No final da década, o Largo passa a ser considerado um pólo gastronômico (CORREIO DE NOTÍCIAS, out/1979). Esse novo uso vem reforçar a idéia de que outras relações são possíveis para além do comércio dos armazéns. A atividade gastronômica possibilita aos freqüentadores dos restaurantes e bares uma permanência maior nesse espaço que antes era possível só com os armazéns. Nesse sentido, as oportunidades de encontro se tornam ainda maiores quando os sujeitos permanecem por um período um pouco mais longo no lugar.

Ainda nos anos de 1970, dois eventos passam a ter o Largo da Ordem como “casa”. A Feira Hippie, antes situada na Praça Zacarias, e tem início a Festa da Ordem. Ambas se realizam no espaço da rua e atraem um número muito grande de pessoas. A primeira ocorre semanalmente e a segunda anualmente. Mais uma vez reforçando a tese de que comércio e cultura são aglutinadores de pessoas num mesmo espaço.

Segundo as reportagens de jornal encontradas<sup>14</sup>, o Largo da Ordem foi fechado para carros nos anos de 1980, porém as figuras 12 e 13 nos mostram que a parte mais central do Largo esteve disponível aos cidadãos, com bancos de madeira, a partir dos anos 1978.

Nos anos de 1980 o Largo da Ordem sofre inúmeras transformações. O prefeito Jaime Lerner, ainda na perspectiva de planejar a cidade para o cidadão e com isso preservar a memória da cidade e propiciar espaços para o lazer da população, efetua obras de calçamento e fechamento da rua para os carros podendo estes adentrar no espaço em horários específicos. As ruas Mateus

---

<sup>14</sup> Gazeta do Povo (Setor histórico será só para pedestres, fev/1980);  
Diário Popular (Setor histórico com lampiões, mar/1980);  
Diário Popular (Revitalização do setor histórico, mar/1980);  
Expresso (Setor histórico o mais novo cartão de visita da cidade, mai/1980).

Leme, Claudino dos Santos e São Francisco, que nas imagens (figuras 10, 11, 12, 13 e 14) podem ser vistas com carros até o ano de 1978, são fechadas 2 anos mais tarde. A pressão dos pedestres sobre os carros obteve sucesso, assim como na Rua XV alguns anos antes (JACOBS, 2007).

As reformas consistiram no calçamento em paralelepípedo dispostos concentricamente a partir do bebedouro; saem as calçadas para dar lugar as ruas alargadas; 60 réplicas de lâmpões do século XIX são instalados nas fachadas dos prédios; 30 floreiras e bancos de jardim são instalados; a Igreja recebe na sua lateral o Museu de Arte Sacra; há a limpeza e retirada de propagandas dos prédios<sup>15</sup>.



Figura 15 – Largo da Ordem (Década de 1980)

Fonte: Acervo Casa da Memória/Diretoria do Patrimônio Cultural/Fundação Cultural de Curitiba

Autor: GIL, Aldo

Algumas dessas reformas podem ser observadas na figura 15, em especial algumas floreiras e alguns bancos.

Após o término das obras, segundo o jornal Correio de Notícias na reportagem intitulada (Largo da Ordem: mais de dois milhões numa obra inacabada, mai/1980), parece que as reformas não foram finalizadas de maneira apropriada, pois a população relata alguns problemas como o desnível das pedras, bueiros inacabados, calçamento com pedras soltas, fios de telefone expostos, esgoto arrebitado.

---

<sup>15</sup> Idem nota de rodapé 14.

Nos anos de 1981, 1982 e 1983 as reclamações tomam outro rumo. Com a propagação de casas noturnas no Largo. A reportagem do Estado do Paraná intitulada (Ameaçado o Setor Histórico, jan/1981), refere-se aos freqüentadores como uma “fauna humana que faz lembrar o Mangue do Rio”, alertando que pelo menos seis prostíbulos estariam funcionando no Largo e com isso “levando marginais, drogados, rufiões a transitarem e fazerem ponto nas ruas”. A reportagem da Tribuna do Paraná denominada (Desordem ocupa o Largo, fev/1982), confirma a mesma situação. Os moradores e comerciantes da região “reclamam do barulho e arruaça feita por certos ‘grupinhos’ que estragam a imagem do considerado setor histórico de Curitiba, freqüentemente visitado por turistas”, e ainda afirmam o surgimento de “estabelecimentos de má reputação, como pensões e hotéis”.

Porém, Lefebvre (2008, p.22) nos lembra que “a vida urbana pressupõe encontros, confrontos das diferenças, conhecimentos e reconhecimentos recíprocos (inclusive no confronto ideológico e político) dos modos de viver, dos ‘padrões’ que coexistem na Cidade”.

No ano seguinte a reclamação gira em torno dos automóveis que adentram o Largo, descumprindo os horários em que o trânsito de carga e descarga é permitido. Ao que parece o Largo virou estacionamento. Com o intuito de coibir tal ação, os líderes comunitários do local e a prefeitura tomaram a decisão de instalar um portão, mas menos de 24 horas após sua colocação, sua corrente foi arrebentada (MILLARCH, 1983).

No final da década de 1980, o Largo da Ordem se torna o “point” da cidade, tendo o lazer noturno como seu principal uso. Pelo menos sete espaços desta natureza surgem no Largo. Junto com essa nova atividade, surgem novas reclamações, desta vez com relação ao barulho que acomete o Largo da Ordem durante a noite (BARRETO, FEV/1989; PRADO, JUL/1989).

Vemos que ao longo dessas três décadas, muitas mudanças foram ocorrendo no Largo da Ordem e aos poucos foi ganhando características de um espaço de lazer que a população curitibana aceitou e adotou em todos os horários do dia ou da noite.

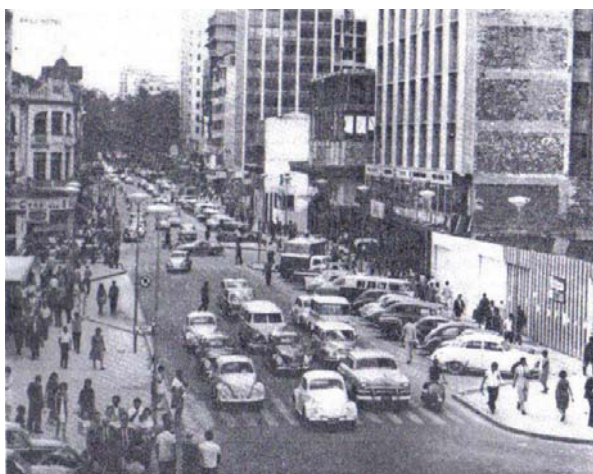


## RUA XV DE NOVEMBRO: UM ESPAÇO HUMANO

A Rua XV sempre foi um dos principais pontos comerciais da cidade, sendo essa a sua função primordial, e assim como o Largo da Ordem, local de grande circulação de pessoas, portanto o passeio e o encontro sempre se fizeram presente neste espaço. Devido ao comércio desenvolvido na XV os usos combinados sempre estiveram presentes neste espaço, pois junto com o comércio dos armazéns, estabelecimentos de outra natureza surgiram devido ao grande movimento de pessoas que cruzavam a rua, garantindo um trânsito incessante na Rua XV. A partir desses usos, outros fatores importantes, como a segurança dos olhos vigilantes, vão dando vitalidade ao espaço. Para Jacobs (2007, p.162) “a diversidade comercial é, em si, imensamente importante para as cidades, tanto social quanto economicamente”.

Compreendendo a importância da Rua XV para a cidade o prefeito Jaime Lerner decide calçar a rua, privilegiando o pedestre que poderia caminhar por ela sem entrar em confronto com os veículos.

Nos anos 1960 a Rua XV ainda era aberta aos carros, mas com algumas possibilidades para experiências no âmbito do lazer como a presença de bares, confeitarias, cinemas, a Boca Maldita<sup>16</sup> e um hotel.



**Figura 16 – Rua XV (Década de 1960)**  
**Fonte: Calçadão, 20 anos depois**

---

<sup>16</sup> Ver nota de rodapé 10.



**Figura 17 – Rua XV esquina com Rua Ébano Pereira (1965)**

**Fonte: Acervo Casa da Memória/Diretoria do Patrimônio Cultural/Fundação Cultural de Curitiba**



**Figura 18 – Rua XV esquina com Ébano Pereira (1960)**

**Fonte: Centro histórico: espaços do passado e do presente**

Podemos observar nas figuras 16 e 17 o fluxo de carros e pedestres. Tal fato parece estar relacionado a importância comercial da Rua XV, local de concentração das principais lojas e armazéns, e portanto local de grande circulação de pessoas.

As imagens demonstram aquilo que Jacobs (2007) apontou como erosão das cidades através dos carros. Vemos um número grande de pedestres e automóveis circulando pela Rua XV, o que nos leva a pensar que havia uma disputa pelo espaço. A autora ainda afirma que (p.411) “táticas de pressão sobre os veículos deveriam ser aplicadas onde exista um conflito entre o fluxo de trânsito e outros usos urbanos”. Na rua em questão, antes que houvesse um conflito mais severo, são pensadas novas formas de entender a cidade.

A principal mudança ocorre nos anos de 1970, quando a Rua XV é calçada e fechada para o tráfego de automóveis e ganha alguns equipamentos que possibilitam a permanência dos pedestres na rua, como bancos em madeira, uma torre de informações que divulgava espetáculos e afins, café com mesas e cadeiras na calçada, cúpulas de acrílico, cabines de telefones públicos, bancas de revista, floreiras, etc.

Podemos notar na figura 19 que antes mesmo da construção do calçadão, as pessoas já começaram a circular pela rua já interditada para os automóveis, demonstrando que o calçadão seria apropriado pelos cidadãos. Como já foi dito, os lojistas se colocaram contra o fechamento da rua com medo que os compradores fossem embora, no entanto o que vemos na imagem é um grande número de pessoas transitando livremente pela Rua XV. As obras tiveram início em uma sexta-feira ao final da tarde para evitar possíveis conflitos com os lojistas.

Na figura 20 podemos notar a colocação do calçamento em petit pavê e a plantação de árvores e floreiras. Mesmo com as obras em andamento, o pedestre continuou comparecendo à XV.



**Figura 19 – Rua XV vista da Praça Osório (1972)**  
Fonte: Calçadão, vinte anos depois



**Figura 20 – Construção do calçadão (1972)**  
**Fonte: Calçadão, vinte anos depois**

Terminada as obras, Curitiba ganhava uma nova sala de estar. As instalações dos novos equipamentos possibilitaram novos usos e uma nova maneira de viver a Rua XV, possibilitando a permanência neste local por um longo período de tempo. Se antes as pessoas usavam a Rua XV como passagem, a partir das reformas há possibilidade da permanência, do encontro e da contemplação como podemos observar na figura 21 e 22.



**Figura 21 – Rua XV (1973);**  
**Fonte (a): Acervo Casa da Memória/Diretoria do Patrimônio Cultural/Fundação Cultural de Curitiba/Coleção Fundo Casa da Memória**  
**Fonte (b): Calçadão, vinte anos depois**



Ainda nas figuras acima (21a e 21b) podemos observar alguns dos equipamentos que foram instalados. Na primeira, observamos os bancos em madeira, as árvores e floreiras e ao fundo é possível visualizar o Bondinho<sup>17</sup>, instalado em 1973 para servir, de acordo com o jornal Diário do Paraná (Um estacionamento diferente para tranquilidade das crianças e das mães, jan/1980), como um “estacionamento de criança”. Na segunda é possível observar a torre de informação, as luminárias e também as floreiras.

Segundo jornais da época, a Rua XV foi aceita pela população e passou a ser um espaço também destinado ao lazer. Segundo as reportagens<sup>18</sup>, a rua passou a ser entendida como a sala de estar do curitibano e um ponto de encontro certo na cidade.

Nesse sentido Rechia (2003, p.11) afirma que os espaços públicos são o próprio pulsar da vida urbana, pois espaços dessa natureza propiciam a convivência “lugar onde as pessoas podem encontrar-se sem se estranhar pelo fato de serem estranhos, tornando-se espaço privilegiado para manutenção de formas de convívio, de civilidade e de cidadania”. A autora cita Senett (1997) e Negt (2002) que confirmam a tese de que a cidade e o espaço público promovem o encontro entre os sujeitos moradores da cidade. Também Lefebvre (2008) faz afirmações nesse sentido.

Após alguns anos da experiência vivida na Rua XV sem carros, os comerciantes finalmente se rendem à nova rua, confirmando inclusive o aumento nas vendas, o que veio a beneficiar todo comércio ali localizado, fato divulgado na reportagem A Voz do Paraná intitulada (Enfim, o reconhecimento, fev/1975).

As imagens demonstram que a pressão das pessoas sobre os automóveis deu lugar a um espaço para diferentes usos, e não apenas o comercial. No entanto Jacobs (2007) aponta que para que locais destinados

---

<sup>17</sup> Trazido de Santos, o Bondinho foi pintado e reformado para servir de estacionamento de crianças enquanto seus pais faziam compras na Rua XV.

<sup>18</sup> O Estado de São Paulo (Uma rua colorida, com cores, sem carro. Uma rua de lazer, fev/1973);

O Estado do Paraná (Rua XV, 1973: Homem x Máquina, 1x0, out/1973);

Gazeta do Povo (Rua das Flores, com chuva ou sol, sempre ponto de encontro, jan/1974);

Diário do Paraná (O alegre espaço da comunicação, jun/1974).

somente a pedestres devem ter acesso, de preferência, pelo transporte público, caso contrário, os automóveis voltam à cena e ao “caos urbano”. No caso da Rua XV, as praças mais centrais tornaram-se grandes terminais de ônibus, contribuindo para que a população chegue até o local sem a necessidade de utilizar o automóvel particular.

No ano de 1976, a chamada sala de estar sofre algumas mudanças que segundo as reportagens de jornal<sup>19</sup> não parecem ter agradado os freqüentadores. O espaço do café com mesas e cadeiras, e as cabines telefônicas, segundo reportagens da época, passaram a ser ponto de “desocupados”. Para evitar que a Rua XV fosse rotulada negativamente, a prefeitura retirou as mesas e cadeiras, restando aos usuários tomarem seus cafés em pé. A torre de informações ficou desatualizada e vítima de vandalismo e por isso deixou de ser usada como ponto informativo e de encontro. Aqueles que se apropriavam do café, retornaram ao seu lugar de encontro de origem. As árvores e floreiras também sofreram com o descaso da população que as utilizavam como pouso para pastas escolares e como cadeiras. Segundo o jornal Estado do Paraná (Condenaram a Sala de Estar, mar/1976), a fala do segurança do local resume o que aconteceu com o espaço do café dizendo que: “Isto estava virando maloca e não podia continuar sendo pouso de desocupados”, mas a matéria lembra que a reforma da Rua XV seguia exatamente a proposta de dar “condições aos tranqüilos e desocupados de se encontrarem a qualquer momento”.

Já na reportagem do Diário do Paraná (A Rua das Flores e seus objetivos. Alcançados? jul/1977) fica claro que, para o arrendatário, os estudantes não eram bem vindos, pois se apropriavam do espaço do café, ocupando as mesas e utilizando as floreiras também como mesas e cadeiras e ainda ficavam por lá durante todo o dia, sem dar oportunidade para quem quisesse tomar seu cafezinho comodamente. Com isso, o arrendatário pediu

---

<sup>19</sup> Estado do Paraná (Condenaram a Sala de Estar, mar/1976);  
Gazeta do Povo (Quebrada tradição na Rua das Flores, dez/1976);  
Diário do Paraná (A Rua das Flores e seus objetivos. Alcançados? jul/1977).

que as mesas e cadeiras fossem tiradas, resultando no afastamento dos sujeitos deste lugar de encontro.

Essas atitudes demonstram que, embora o espaço tivesse sido planejado para agregar as pessoas no seu tempo livre, o entendimento da população sobre o ócio é de que quem o vive não possui uma ocupação produtiva, e portanto, é tido como desocupado e por isso mau visto na sociedade voltada para o trabalho.

Outro fator relevante que transparece é que o consumo nesse lugar era mais importante que o encontro, já que os “desocupados” impediam que possíveis consumidores se apropriassem do espaço. Vemos então que, mesmo que a prefeitura tenha efetuado um planejamento que buscasse a dimensão humana da cidade por meio do lazer, são as pessoas que se apropriam do local que irão dar ao espaço a função desejada.

Mesmo apresentando alguns problemas gerados pela falta de entendimento do arrendatário, o qual afastou do espaço alguns grupos, a Rua XV permanece com seus equipamentos básicos ainda em funcionamento e com grande movimento de pessoas como observamos na figura 22.



**Figura 22 – Rua XV (1980)**

**Fonte: Centro histórico: Espaços do passado e do presente**

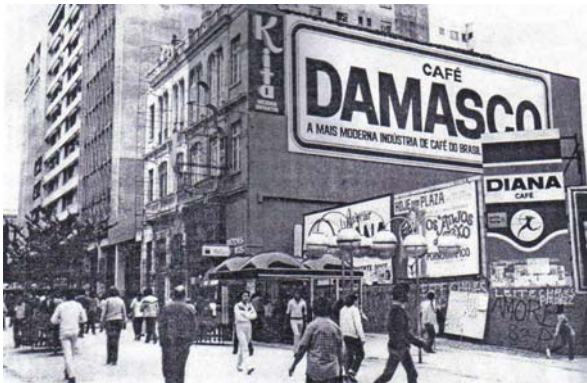
A Rua XV segue seu curso com erros e acertos. No ano de 1979 tem início um projeto de reconstrução da Leitaria Schaffer que foi destruída com um incêndio e que ao invés de continuar como confeitaria, passa a ser Galeria Schaffer, contendo 1 sebo, 1 cinema e 1 centro cultural. Nesse ano, o Cine Ópera é desativado para ampliação de uma loja e o café corre riscos de ser desativado (Gazeta do Povo, Rua das Flores, a vida do curitibano, fev/1979).

Nos anos de 1980 a Rua XV, já inserida no contexto da vida dos curitibanos vai sofrendo pequenas mudanças e adaptações. O jornal O Estado do Paraná (1980) anuncia a “morte da Cinelândia curitibana” há um ano e o fechamento de diversos bares e restaurantes. Neste período, Jaime Lerner retorna a prefeitura da cidade, e novamente traz consigo a política de valorização do centro como ponto de encontro. Nessa direção o prefeito entra em contato com o comerciante dono do estabelecimento onde se encontra o Cine Ópera na tentativa de dissuadi-lo de fechar o espaço, e propõe a criação de um espaço que concentraria restaurantes, confeitarias, lojas e cinema. Ao que tudo indica, as negociações só ficaram no projeto. Ainda nessa tentativa, Jaime Lerner propõe aos donos do Braz Hotel que seja feita uma revitalização do prédio para então voltar a funcionar como um hotel. Esse projeto sai do papel e o Braz Hotel volta a abrir as portas (ESTADO DO PARANÁ, 1980).

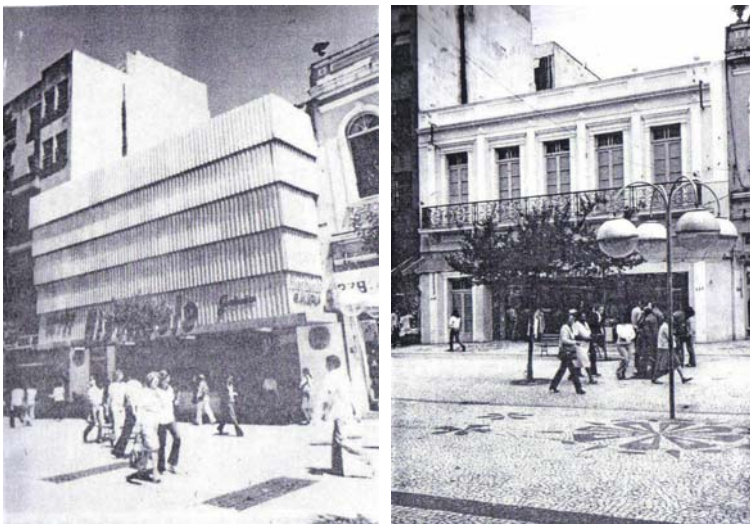
No ano de 1981, segundo o jornal O Estado do Paraná, na reportagem de Benetta intitulada (Um reduto na Rua das Flores, fev/1981) a Rua XV possui “meia dúzia de bares, um único cinema, lanchonetes, uma livraria, dois discutíveis pontos de diversão eletrônica e uma loja de discos”. A reportagem chama atenção para o fim de um dos cinemas para dar lugar a uma loja, e o aumento de agências bancárias. Segundo o jornal, essa nova realidade na rua vai contribuindo para afastar o cidadão do centro fazendo com que a Rua XV fique cada vez menos ocupada, uma vez que as opções de espaço para o lazer estão sendo reduzidas e tomadas pelos tempos e espaços do trabalho e do consumo, pois as relações que se estabelecem nesse espaço estão ligadas a esses dois âmbitos da vida. Dessa forma a função econômica vai se fortificando na Rua XV enquanto que as atrações culturais vão ficando cada vez mais fracas. Vemos isso com o fechamento dos cinemas que formavam a Cinelândia curitibana.



Ainda nos anos 80 a política de preservação dos espaços públicos e da sua arquitetura, surgida com a primeira gestão de Jaime Lerner, propôs um projeto de despoluição visual na Rua XV. Neste período, as formas de divulgação haviam ganhado proporções de descaso com o patrimônio público e com a história da cidade. Letreiros em neon e posteriormente em luz fria, placas de acrílico, e propagandas cada vez maiores para serem vistas de longe tomavam conta da XV como observamos nas figuras 23 e 24. Em maio de 1981, o prefeito Jaime Lerner assinou o decreto para regulamentar a publicidade ao ar livre (BOLETIM INFORMATIVO DA CASA ROMÁRIO MARTINS, 1981).



**Figura 23 – Rua XV (1981)**  
Fonte: Despoluição visual em Curitiba



**Figura 24 – Rua XV (1977)**  
Fonte: Despoluição visual em Curitiba

Em 1984, o Bondinho é reformado e passa a servir de ponto de informações turísticas, mas em 1989 “volta aos seus verdadeiros donos: as crianças”, voltando a funcionar como um espaço de recreação infantil (Gazeta do Povo, Nosso “coração” é patrimônio, out/1989).

Seguindo o princípio da preservação histórica da cidade, ainda no ano de 1989, o prédio Moreira Garcez é revitalizado e o Palácio Avenida é incentivado a manter a sua fachada original (Gazeta do Povo, Nosso “coração” é patrimônio, out/1989).

Concordamos com Jacobs (2007, p.162) e suas análises sobre as cidades transpondo suas reflexões para a Rua XV e seu sucesso perante a população curitibana:

Onde quer que vejamos um distrito com um comércio exuberante variado e abundante, descobriremos ainda que ele também possui muitos outros tipos de diversidade, como variedade de opções culturais, variedade de panoramas e grande variedade na população e nos freqüentadores. [...]. As mesmas condições físicas e econômicas que geram um comércio diversificado estão intimamente relacionados à criação, ou à presença, de outros tipos de variedade urbana.

Embora o fechamento da Rua XV tenha sido feito, num primeiro momento, sem o aval da população, fato é que este espaço tornou-se um dos principais pontos de encontro da cidade. Fazendo uma análise sobre os espaços públicos de Curitiba, Rechia (2003, p.154) conclui que se por um lado a gestão pública ganha reconhecimento nacional e internacional devido as estratégias de oferecer a população uma vida cultural rica, por outro a comunidade ganha espaços que segundo a autora “possibilitam viver um cotidiano menos tensionado na cidade por meio do uso e da apropriação desses espaços construídos”.

Mesmo dedicada ao comércio, o espaço construído possibilitou aos moradores da cidade, novas formas de vivenciar o centro de Curitiba, em especial na Rua XV.

## **CAPÍTULO V**

### **UMA ANÁLISE MAIS APURADA**

#### **A POLÍTICA DE TRANSFORMAÇÃO: DA CIDADE URBANA PARA A CIDADE HUMANA**

Podemos perceber, por meio das análises individuais dos espaços pesquisados, que a década de 70 representou um marco nas reformas urbanas do centro da cidade de Curitiba.

Neste período, Curitiba era governada pelo prefeito Jaime Lerner, arquiteto e urbanista, um dos principais responsáveis pela fundação do IPPUC. Sua preocupação com a preservação da memória da cidade ficou evidente com a transformação histórica-cultural promovida pela prefeitura. Através da memória histórica de Curitiba buscava-se criar uma identificação da população e criar um sentimento de pertencimento à cidade por meio da cultura.

Assumindo uma política de “planejar a cidade para o homem”, entre outras reformas, a prefeitura determina o Setor Histórico do qual a Praça Tiradentes e o Largo Coronel Enéas fazem parte, e tem início o calçamento da Rua XV de Novembro. Com o calçamento, a Praça Osório uniu-se à XV, fazendo parte desse eixo, facilitando um fluxo mais dinâmico de pedestres.

O Largo Coronel Enéas e a Rua XV de Novembro tiveram a sua maior alteração com a implantação do Plano Diretor, cuja perspectiva foi preservar a memória e devolver a cidade para o cidadão juntamente com aquilo que lhe é de direito: sua história. Com este planejamento o Largo e a XV são fechados, dando lugar aos pedestres, sendo que o Largo foi totalmente fechado para carros nos anos 80.

É fácil observar a busca pela preservação histórica no Largo da Ordem pertencente ao setor histórico – caracterizado pelo local com o maior número de construções coloniais – demonstrando a vontade em integrar o cidadão curitibano à sua história por meio dos espaços e das atividades culturais, por isso o Largo transformou-se “em um dos mais badalados points, entranhado em pleno setor histórico da cidade” (PRADO, jul/1989). Também nas matérias de jornal percebemos essa necessidade da ligação com a história e também

seu apelo da memória histórica na tentativa de gerar um sentimento de pertencimento do cidadão curitibano. A arquitetura renovada oferece novas possibilidades de vivenciar o Largo como vemos nas reportagens: “Os lampiões estilo século XVIII oferecem um espetáculo digno de contemplação, especialmente para quem é dado ao cultivo do romantismo e das coisas do passado” e ainda reafirma a idéia deste espaço como um lugar que une a história e a ‘festa’: “É um tanto difícil imaginar a cena de um pátio colonial calçado com paralelepípedos invadido por mesinhas ocupadas pelas mais diversas figuras noturnas, de punks e socialites” e ainda “Pode-se passar algumas agradáveis horas ali, jogando conversa fora” (Expresso, Setor histórico, o mais novo cartão de visita da cidade, mai/1980; PRADO, mai/1989).

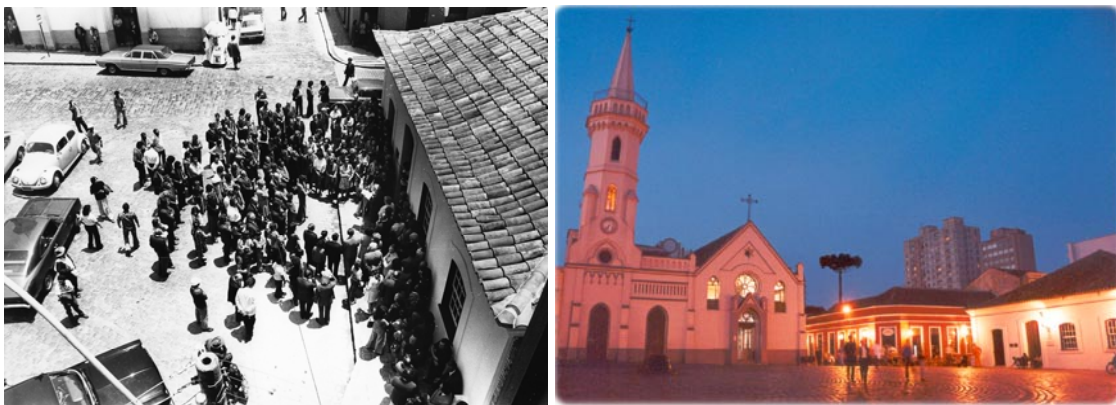


Figura 25 – Fonte: Acervo Casa da Memória

Podemos observar na figura 25 dois momentos do espaço do Largo da Ordem. A primeira imagem da década de 70 demonstra um espaço aberto a carros, porém com a inauguração da Casa Romário Martins tem início a política de transformar esse espaço também um espaço cultural. Já na segunda imagem, da atualidade, percebemos a mudança que ocorreu no Largo através da preservação dos prédios históricos e o uso do lugar como point de lazer noturno.

O calçamento da XV parece ter sido a base das reformas da cidade sob a perspectiva de uma cidade humana. Segundo o jornal Voz do Paraná com a reportagem intitulada (A Nova Rua XV: Uma rua cheia de flores, com largos passeios. É a cidade que se moderniza, jun/1972), Curitiba necessitava “de um

lugar para o homem se sentir menos máquina, mais gente, um pouco mais pessoa, dentro de quase um milhão de habitantes”.

As mudanças foram logo sentidas, principalmente pelos comerciantes locais que além de terem lucrado mais com o fechamento, ainda puderam desfrutar de um sossego. O dono da Confeitaria das Famílias em entrevista para o jornal O Estado de São Paulo (MORENO, fev/1973) confirma a melhoria “- sinto que tranqüilidade. Não há mais os ruídos dos carros como antes. Isso aqui era muito barulhento, não dava nem para a gente conversar direito dentro da confeitaria”.

Enfim, o morador da cidade de Curitiba ganhou um novo espaço projetado para ele e para seus interesses. Segundo o jornal Diário do Paraná na reportagem intitulada (O alegre espaço da comunicação, jun/1974) a Rua XV “transformou-se no valioso e necessário reino dos pedestres. É o ponto de encontro tranqüilo de milhares de curitibanos”.

As Praças Tiradentes e Osório, foram construídas antes do Plano Agache e Plano Diretor, porém seus espaços receberam reformas de melhoria. Os planos procuraram manter a estrutura original da Tiradentes, pois é uma praça com valor histórico para a cidade. As reformas que foram feitas estiveram sempre ligadas ao transporte público e “hoje, os coletivos tomam conta da praça. Dali partem ônibus para inúmeros bairros da cidade. Os táxis também fazem ponto por ali”, segundo a reportagem do Jornal dos Bairros com a reportagem intitulada (Praça Tiradentes: engraxates e coberturas se constituem em dois grandes problemas, out/1979) a movimentação da praça ocorre entre “businas e gente correndo” dada a função que a Tiradentes adquiriu. Já a Osório manteve seu papel de espaço destinado ao lazer, sofrendo reformas ampliando as possibilidades de experiências nesse âmbito, vindo a ganhar espaço para práticas esportivas.



Figura 26- Fonte (a): <http://zamoiski.blogspot.com/2008/07/cidade-sorriso.html>;  
 Fonte (b): <http://www.samshiraishi.com/curitiba-literaria/>

Na figura 26 podemos observar o espaço da Praça Tiradentes e da Praça Osório na atualidade, sendo que passaram a ter essa configuração com as reformas surgidas nas décadas de 60, 70 e 80 e que se encontram da mesma forma até os dias de hoje, com pequenas alterações.

Segundo Jacobs (2007), o esporte é um forte atrativo de pessoas para determinados espaços e vemos essa idéia confirmada na reportagem do jornal da Gazeta do Povo intitulada (Osório, uma praça de muita vida e história, jan/1974) que afirma que “é nas crianças que a Praça Osório tem os freqüentadores mais constantes”, afirma ainda que o número de crianças que freqüentam o espaço destinado ao esporte juntamente com o *playground*, pode chegar a 300 por dia.

As medidas adotadas pela prefeitura propiciaram o retorno dos sujeitos ao centro de Curitiba, pois os objetivos das reformas, entre outras coisas, era possibilitar o uso do espaço para o encontro. Lefebvre aponta que (2008, p.12) “o uso principal da cidade, isto é, das ruas e das praças, dos edifícios e dos monumentos, é a Festa”. Percebemos que os espaços reestruturados buscavam gerar nos sujeitos uma nova forma de viver a cidade, através do lazer e da cultura.

Embora existam outras praças e outras ruas no centro da cidade, estes locais foram sendo (re)apropriados pelos moradores e se tornaram lugares a tal ponto da Rua XV ser denominada como a sala de estar do curitibano. A diferenciação entre espaço e lugar se dá no momento em que o espaço passa



a ter um sentido e um significado para o sujeito, dotando-o de valor transformando-o em lugar (RECHIA, 2003).

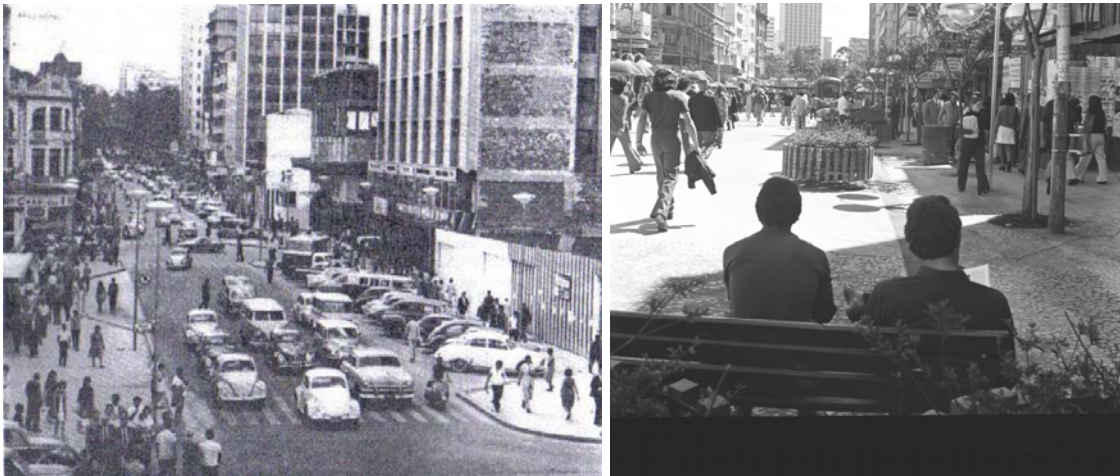


Figura 27 – Fonte (a): Calçadão, vinte anos depois; Fonte (b): Acervo Casa da Memória

Podemos observar na figura 27 a transformação ocorrida na Rua XV de Novembro e percebemos a diferenciação entre espaço e lugar. Na primeira imagem vemos que os carros predominavam na Rua XV e após as reformas, sujeitos passam a ser predominantes e a rua ganha a conotação sendo que a rua ganhou a conotação de sala de estar.

A integração Largo da Ordem, Praça Tiradentes, Rua XV e Praça Osório, ocorrida com as obras de calçamento e a determinação do Setor Histórico proporcionaram à Curitiba e seu prefeito uma projeção nacional e internacionalmente, uma vez que a Rua XV, fechada para carros no ano de 1972, foi a primeira do gênero no país (A Voz do Paraná, Enfim O Reconhecimento, mar/1975).

Vemos assim, que a reforma urbana ocorrida nos espaços pesquisados, proporcionaram novas formas de vivenciar a cidade. As obras que tinham por objetivo devolver a cidade para o cidadão possibilitaram aos sujeitos a (re)apropriação dos espaços do centro da cidade para inúmeras atividades, como veremos a seguir.

## OS DIFERENTES USOS NOS DIFERENTES ESPAÇOS A PARTIR DAS REFORMAS ARQUITETÔNICAS

O centro da cidade é caracterizado por abranger o maior número de atividades possível, por isso possui uma grande variedade de usos, e esta variedade sempre esteve presente nos diferentes espaços da região central de Curitiba, em especial nos espaços pesquisados.

As transformações estruturais ocorridas nos espaços pesquisados visaram principalmente oferecer a comunidade espaços de lazer associados ao comércio e ao transporte. Nesse sentido, as praças por si só constituem um espaço privilegiado para o desfrute do ócio, da contemplação, do encontro, tendo o lazer como função principal. Já a Rua XV, por ser a principal rua de comércio da cidade, agrega uma combinação de estabelecimentos que não se destacam exclusivamente pela atividade de consumo, mas também pela cultura, contemplação e encontro. Entretanto, o Largo da Ordem parece ser o espaço com menor possibilidade de usos variados, visto que se destaca por dois tipos de atividade apenas. Esse fato está ressaltado em Jacobs (2007) que alerta sobre a necessidade de diversidade de atividades comerciais, pois para que um lugar seja vivo precisa ser freqüentado por inúmeras pessoas com interesses diversificados. No entanto, um aspecto curioso é que embora o Largo da Ordem tenha pouca diversidade de uso parece ser um lugar bastante freqüentado por moradores e turistas, em especial durante a noite.



Figura 28 – Fonte: Acervo Casa da Memória



Na figura 28 vemos que o uso do Largo da Ordem durante o dia está relacionado com o comércio presente nesse espaço e também como um local de passagem. Na segunda imagem podemos observar a Galeria Júlio Moreira que liga o Largo da Ordem a Praça Tiradentes e as pessoas se dirigindo para esse lugar, ou chegando ao Largo.

Já nos anos 70 surge uma nova perspectiva de cidade que passa a ser pensada também em uma dimensão humana a qual inclui o encontro, o ócio, e não apenas na dimensão do trânsito para o trabalho favorecendo a potencialidade dos espaços destinados ao lazer. Dessa maneira, esta década é marcada por uma reformulação no modo em que os governantes encaram a cidade e o planejamento urbano. A prefeitura assumia uma postura de devolver a cidade para o cidadão, resultando inúmeras reformas que foram capazes de tornar o centro da cidade em um espaço para a convivência.

Um exemplo dessa nova dinâmica é o Largo da Ordem, que foi parcialmente fechado para carros, ganhou bancos de madeira e manteve seu bebedouro. A atividade comercial permaneceu. Anos mais tarde, foi totalmente fechado para carros. Com os restaurantes se instalando no Largo, e mais tarde bares e casas noturnas, esse lugar ficou conhecido principalmente por esse uso específico e tronou-se o “point” da cidade, como vemos na reportagem do jornal O Estado do Paraná (DESTEFANI, mar/1980) que afirma que “à noite o ambiente se transforma, automóveis estacionam sobre as calçadas, para que seus ocupantes possam freqüentar os bares noturnos”. Assim, outros usos surgiram a partir do uso principal e tal como na maioria das grandes cidades, outros tipos de diversão também se estabeleceram gerando continuamente movimentos diversificados nas formas de uso, os quais muitas vezes contrariam o planejamento inicial proposto pela gestão pública. Um exemplo dessa tensão entre o planejamento e as formas de uso pode ser observada no jornal Estado do Paraná (Ameaçado o Setor Histórico, jan/1981) que diz que “a uma determinada hora da noite predomina uma fauna humana que faz lembrar o Mangue do Rio. Seis prostíbulos estariam funcionando na área”. Em outra reportagem no jornal Tribuna do Paraná intitulada (Desordem ocupa o largo, fev/1982) vemos que “o barulho e a arruaça feita por certos ‘grupinhos’, que

estragam a imagem do considerado Setor Histórico de Curitiba, freqüentemente visitado por turistas”.

Nesses relatos podemos perceber uma postura um tanto conservadora e preconceituosa a respeito da dinâmica cotidiana da vida na cidade. Lefebvre (2008) ressalta que a cidade deve ser entendida também como o local do conflito ideológico e político. Nesse sentido vemos que a cidade vista pelos olhos dessa reportagem é entendida como um produto, pois os espaços devem ser preservados pelos moradores para agradar aqueles que vêm de fora, os turistas. Assim, qualquer forma de apropriação que fuja dos padrões éticos, estético e morais, é mau visto no espaço da cidade que deve ser “asséptica”.

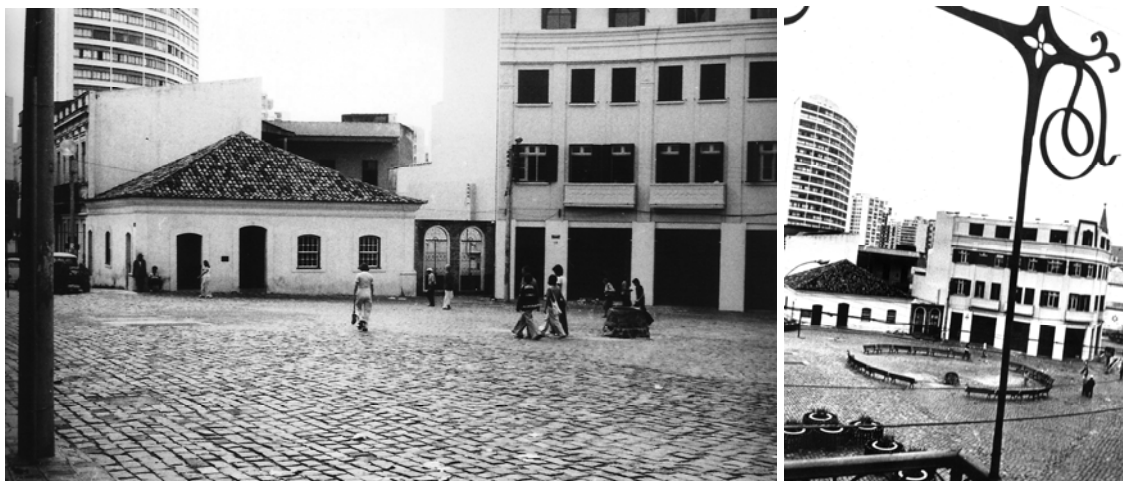


Figura 29 – Fonte (a) (b): Acervo Casa da Memória;  
Fonte (c): <http://www.eujafui.com.br/3464975-curitiba/40-largo-da-ordem/fotos/8943/>

Na figura 29 podemos observar três momentos do Largo da Ordem em que aos poucos foi se tornando local de pedestres como vemos nas imagens, primeiro parcialmente fechado, na segunda imagem já totalmente fechado para carros e a terceira imagem, da atualidade, demonstra que é um espaço no qual os pedestres se apropriam, sendo aceito pela população.

A Praça Osório já possuía bancos em madeira e ganhou um complexo esportivo com duas quadras de esporte. Vale destacar que a atividade esportiva é um grande atrativo de pessoas e que espaço desta natureza é encontrado apenas nessa praça, dando um caráter peculiar aos espaços de lazer do centro da cidade. Diz a reportagem do jornal da Gazeta do Povo intitulada (Osório, uma praça de muita vida e história, jan/1974) que: “época de férias e de sol, a presença da criançada com a bola companheira começa desde cedo [...] Calcula-se que diariamente são 300 crianças a brincarem no play-ground da praça, divididas entre os brinquedos, a caixa de areia, as canchas de basquete e futebol”. Além das experiências do brincar e da prática esportiva presentes na praça, especialmente no período de férias escolares, existem outras possibilidades que permitem que seja “recanto preferido pelo curitibano para passar horas de folga entre um expediente e outro”. Jacobs (2007) afirma que os espaços, para serem atrativos, devem possibilitar novas descobertas a cada visita, e esta parece ser a realidade da Praça Osório, pois segundo o jornal “na praça tem tudo [...] até um sanitário”. Isso demonstra que o espaço está preparado para receber as pessoas e ainda possibilitar a sua permanência potencializando o encontro. No ano de 1985, foi instalado um novo coreto e era utilizado como atelier de pintura pela Fundação Cultural de Curitiba.

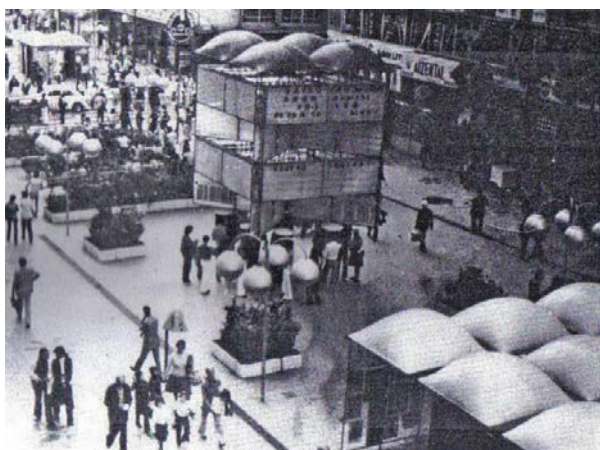
Embora a praça esteja centrada no lazer, ela também serve de caminho entre um ponto e outro como vemos no jornal Gazeta do Povo na reportagem intitulada (Osório, uma praça de muita vida e história, jan/1974) “vem a hora do pique, e pessoas apressadas atravessam a praça em várias direções [...] sem nem perceber que passam pela Praça Osório”. Esse ir e vir frenético só foi possível a partir do calçamento da XV interligado a praça.

A Rua XV foi o espaço que com certeza mais se modificou por consequência do seu calçamento, potencializando ainda mais o encontro.

Espaços tradicionais como bares, confeitarias e cinemas permaneceram. Novos pontos de encontro foram instalados, como a torre de informação e o Café Damasco.

A dimensão humana foi dada à XV e o encontro, junto com o comércio, tornou-se “obrigatório”. As reformas realizadas potencializaram uma prática que já era freqüente e ainda trouxeram mais pessoas para os espaços novos e reformulados. Percebemos isso a partir da reportagem de jornal da Gazeta do Povo intitulada (Rua das Flores, com chuva ou sol, sempre ponto de encontro, jan/1974) que confirmam essa mudança. “No que toca as mesas, instaladas em frente aos bares e lanchonetes, com cobertura para proteger o público do sol ou da chuva, verifica-se que sua quantidade é pequena, face à sua rápida popularização”.

A Rua XV demonstra sua importância a partir dos usos que surgiram devido ao comércio desenvolvido, e tornou-se o espaço da comunicação. O jornal Jotabê na reportagem intitulada (Memória da cidade: Rua das Flores, Imperatriz, 15 de Novembro, dez/1978) faz um resumo “A Rua das Flores é hoje ponto de encontro, é boca maldita, é fofoca, é política, é futebol em papo aberto, possui atrações infantis, marca hora e temperatura, é movimento”. A Rua XV de Novembro passou a ser a sala de estar do curitibano.



**Figura 30 – Fonte: Calçadão, vinte anos depois**

Na figura 30 é possível observar um grande número de pessoas caminhando pela Rua XV possibilitada pela reforma ocorrida, e ainda na Torre

de Informações que se tornou ponto de encontro, podemos observar pessoas paradas nesse local.

Um uso importante surgido foi a Boca Maldita, um espaço localizado entre a Rua XV e Praça Osório, chamado de tribuna livre, pois caracteriza-se como um lugar onde pode-se falar e ouvir de tudo sem censura. Esse espaço surgiu espontaneamente do encontro entre as pessoas que se reuniam para discutir, principalmente, sobre a política nacional. Essa possibilidade gerada pelo encontro das pessoas em um espaço aberto, público e institucionalizado em 1966, tornou-se um espaço político tão importante para a cidade que atribui-se a ela a cassação, nos anos 70, do governador do Estado Haroldo Leon Peres. Para Marcassa e Mascarenhas (2005, p.257) que afirmam que o tempo e o espaço do lazer é também o tempo de educação onde “os adultos tecem suas relações sociais e renovam valores e comportamentos que fundamentam os princípios éticos, estéticos e políticos que regem a sociedade”.

A Praça Tiradentes, por ser o berço da cidade e, portanto da história da cidade, foi o espaço que menos sofreu alteração. As possibilidades da contemplação e do encontro se fazem presentes por meio dos bancos em madeira e da atividade religiosa na Catedral. É importante ressaltar que apesar da sua importância histórica, a praça tornou-se um terminal de transporte coletivo sendo intermediária entre o deslocamento casa – trabalho. Podemos dizer que a função assumida pela praça pouco possibilitou na sua (re)apropriação, e portanto suas possibilidades de uso ficaram reduzidas sendo possível observar algumas vezes turistas e pessoas observando os monumentos. Também, segundo a reportagem do Jornal dos Bairros intitulada (Praça Tiradentes: engraxates e coberturas se constituem em dois grandes problemas, out/1979) os maiores usuários da praça e vistos como um problema são “os engraxates, que ali ficam o dia inteiro, provocando brigas e palavrões [...] desocupados que ficam mexendo com as senhoras e muitas outras espécies de malandros da city”.





Figura 31 – Fonte (a) (c): Acervo Casa da Memória;  
Fonte (b) (d): <http://zamoiski.blogspot.com/2008/07/cidade-sorriso.html>  
<http://circulandoporcuritiba.blogspot.com/2009/12/catedral-praca-tiradentes-e-os.html>

Podemos observar na figura 31, dois momentos da Praça Tiradentes e que demonstram o uso à que foi destinado. Primeiro, tornou-se um espaço de terminal de transporte como vemos nas duas imagens da década de 70 e da atualidade. Segundo, vemos os bancos em madeira encontrados nesse espaço desde sua fundação.

Antes do calçamento da Rua XV e da existência do Setor Histórico, o deslocamento entre os espaços acontecia de maneira tensa, pois havia um constante cuidado com as ruas movimentadas pelos automóveis. Após a conexão entre esses lugares, a circulação entre ocorria de maneira mais livre e mais despreocupada, facilitando a diversidade de usos presentes em cada um dos lugares contribuindo para dar mais vida a cidade.

O encontro parece ser a forma essencial de ser e estar na cidade. Lefebvre (2008) salienta que a vida urbana pressupõe o encontro. Porém esse encontro deve favorecer usos, pois cada pessoa procura o centro da cidade

com intenções diversificadas que ocorrem em interstícios de tempos e espaços diferentes. Rechia (2003) afirma ser esse o pulsar da vida urbana, pois o espaço público ensaia a convivência entre conhecidos e estranhos e pode proporcionar uma vida um pouco mais livre por meio das experiências vivenciadas no tempo e espaço de lazer.

## O COMÉRCIO AGREGANDO AS PESSOAS

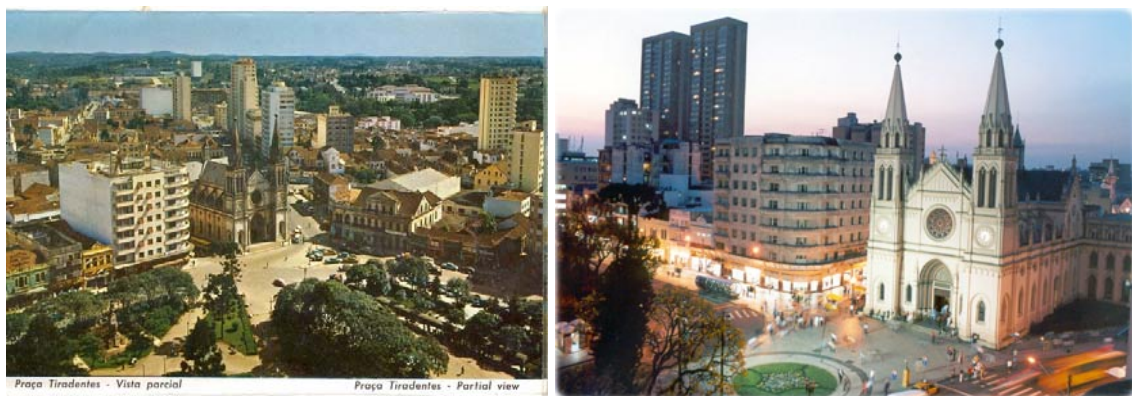
Desde sua fundação, o centro de Curitiba era o principal ponto comercial da cidade. Os produtores rurais vinham de longe para vender seus produtos, principalmente no Largo da Ordem. A Rua XV também teve seu desenvolvimento baseado no comércio.

O comércio, segundo Jacobs (2007) é de grande importância para a diversidade. Os usos combinados que surgem a partir dessa atividade garantem que diferentes pessoas procurem o centro em diferentes horários e com diferentes interesses.

No caso da Praça Osório, embora o seu uso principal, sempre estivesse centrado no lazer, o comércio que se constituiu no seu entorno garantiu vida à praça, pois os trabalhadores do comércio dela se apropriavam nos intervalos como relatado na reportagem do jornal Gazeta do Povo intitulada (Osório, uma praça de muita vida e história, jan/1974) que diz que a Osório é “recanto preferido pelo curitibano para passar as horas de folga entre um expediente e outro, ao redor do meio dia para quem não vai almoçar em casa”. Nos arredores da Osório existia um cinema e um bar tradicional da cidade. Aos poucos, o pequeno comércio na praça também foi se desenvolvendo, com um café, bancas de jornais e revistas e ainda o comércio informal dos engraxates. A mesma reportagem ainda chama a atenção para o número de bancas de revistas existentes na praça que convivem no mesmo espaço e “todas sobrevivem em comunhão”. Essas atividades são capazes de agrupar pessoas num mesmo local e potencializar o encontro.

Já o comércio no entorno da Tiradentes – que começou a se desenvolver a partir dos anos 70 -, segundo o Jornal dos Bairros (out/1979) onde afirma ser um dos locais mais diversificados da cidade “Temos desde

supermercados até lojas de eletrodomésticos”. Entretanto, essa praça agrega também um terminal de transporte pioneiro na cidade, o que ocasionou um isolamento, pois é recortada por ruas e automóveis. Essa fragmentação a torna uma “ilha”, gerando um certo desconforto para transitar e parece não fazer o mesmo efeito dos outros espaços no sentido de atrair as pessoas para si, pois as características assumidas, dificulta o acesso à praça, inibindo o fluxo de pedestres, dificultando portanto as vivências no âmbito do lazer, servindo apenas como lugar de passagem.



**Figura 32 – Fonte (a): <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=499138>  
Fonte (b): <http://zamoiski.blogspot.com/2008/07/cidade-sorriso.html>**

Na figura 32 observamos dois momentos da Praça Tiradentes, antes e após o recorte em frente a Igreja, o que de certa forma pode ter inibido o espaço da Praça como espaço de lazer. Vemos também, nas duas imagens os pontos de ônibus e os ônibus transitando pelo espaço, assim como automóveis particulares.

A Rua XV é conhecida por possuir, dentre inúmeras funções, uma função essencialmente econômica segundo o jornal O Estado do Paraná (MANFREDINI, out/1973) “uma vez que ali tramitam os negócios, as operações comerciais e financeiras, tendo como fundo o aparato sólido dos bancos, lojas e escritórios”. O fechamento do calçadão foi crucial para a manutenção desse espaço como principal ponto comercial da cidade. De acordo com o jornal Jotabê (Memória da cidade: Rua das Flores, Imperatriz, 15 de Novembro, dez/1978) com as obras de calçamento “tornou-se muito mais fácil fazer compras e dessa forma facilitou-se o movimento comercial”.



Alguns donos de estabelecimentos posicionaram-se contra essa reforma, pois acreditavam que ao invés de trazer os consumidores para a XV, o calçadão iria afastá-los pelo fato de não conseguirem aí chegar de carro. Esses fatos não se comprovaram, e segundo o jornal Diário do Paraná (A Rua das Flores e seus objetivos. Alcançados? jul/1977) “os comerciantes da área até agradecem a implantação da novidade. O movimento aumentou em muito”. O calçadão passou a ser aceito e admirado. Conseqüentemente é possível afirmar que com o aumento das vendas, aumentou o número de pessoas circulando pela XV, confirmando a idéia de Jacobs (2007) de que o comércio é um forte atrativo da diversidade, principalmente se agregar outras atividades como vemos na reportagem da Gazeta do Povo intitulada (Nosso “coração” é patrimônio, out/1989) que diz que nessa rua possui “cinemas, a confeitaria Iguaçu, os cafés, as barbearias da Tijucas,...., os hotéis”.

Junto com o comércio, atividades culturais devem ser integradas para garantir a diversidade e atrair mais pessoas para os espaços. No caso da XV a reportagem do jornal Gazeta do Povo intitulada (Nosso “coração” é patrimônio, out/1989) confirma tais características, pois “além do comércio e serviços, oferece atrações culturais, lazer e se constitui num ponto de encontro”.



Figura 33 – Fonte (a): Acervo Casa da Memória;  
Fonte (b): <http://www.curitiba-parana.net/bairros.htm>

Na figura 33 podemos observar que a Rua XV de Novembro possui um forte comércio e por isso, sempre foi uma rua bastante freqüentada pela população. Nas imagens é possível observar que esse uso não se modificou, apenas a reforma de fechamento para carros potencializou o comércio no local.

O Largo da Ordem, assim como os outros espaços também possui um intenso comércio, porém com uma característica peculiar. Neste espaço há duas atividades comerciais diferenciadas e que o torna um lugar único na cidade. Antes das reformas dos anos 70, os armazéns eram predominantes. Após as reformas o Largo foi gradualmente se transformando. Durante o dia a atividade comercial dos armazéns permanecia, porém o Setor Histórico estava se transformando num centro gastronômico devido a presença de restaurantes. O jornal Correio de Notícias na sua reportagem intitulada (Setor Histórico ou um novo Centro Gastronômico, out/1979) relata essa curiosa convivência: “Ao lado da Casa Strobel, de materiais de construção, inaugura-se um restaurante, o Floresta Negra [...] O La Coupole deve ficar nas antigas instalações da Auto escola Silva [...] Já funciona, há tempos, o Queijos e Vinhos [...] Na Praça Garibaldi, o La Boheme, assim como seu vizinho, o Café de Paris”. Essa nova realidade assustou aqueles que não possuem comércio desta natureza, pois segundo a mesma reportagem “Eles temem que as pessoas procurem o Largo apenas para passear, acabando assim com o ponto de comércio local”.

Posteriormente a predominância de bares e casas noturnas transformou o ambiente do Largo durante a noite, caracterizando-o como um espaço de lazer noturno. Essa tendência fica clara na reportagem do jornal O Estado de São Paulo (PRADO, jul/1989) “Nesta espécie de ‘Jardins’ erudito de Curitiba, que fica o Balaio de Frango [...] Também nesse mesmo largo, os aficionados do aconchego vão se deleitar com o London Pub [...] Os notívagos que preferem sair dançando nesta cidade histórica podem se esbaldar com muito samba e choro, na Casa Nilo, uma parada obrigatória no roteiro da boêmia curitibana.[...] Curitiba parece admitir poucas inovações, de preferência sutis. Como por exemplo, a decoração da Station Disco Bar [...] Para quem não perde a oportunidade de ‘churrasquear’ em terras sulinas, a pedida é dar uma chegadoinha ao Sal Grosso. [...] Os bons de copo podem ir direto ao Tragos Largos”.

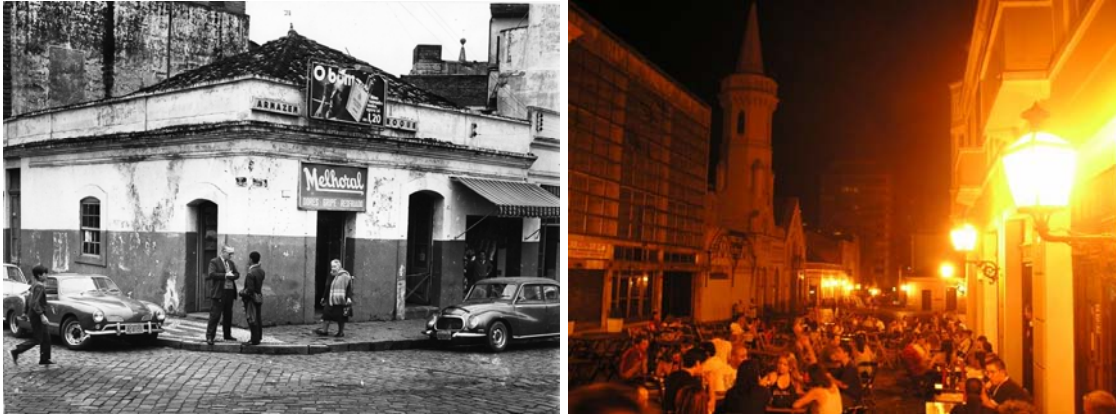


Figura 34 - Fonte (a): Acervo Casa da Memória;

Fonte (b): <http://www.eujafui.com.br/3464975-curitiba/40-largo-da-ordem/fotos/8943/>

Na figura 34 observamos dois momentos do comércio no Largo da Ordem. A primeira imagem mostra o comércio de armazéns na década de 60, e na atualidade o comércio noturno de bares e casas noturnas, demonstrando as modificações que ocorreram nesse espaço.

Outra atividade comercial tradicional no Largo da Ordem é a Feira Hippie que ocorre aos domingos, desde os anos 70.

Estes espaços do centro da cidade, interligados pelo calçamento proporcionam um caminhar de forma um pouco menos tensionada por não sofrer a pressão dos automóveis, possibilitando com isso que as pessoas resolvam seus afazeres diários e ainda desfrutem do centro da cidade como um local propício ao encontro. Os usos combinados e derivados garantem a diversidade de pessoas no centro em horários diferentes e com interesses variados. Esse fato pode ser facilmente verificado no Largo da Ordem que demonstra especificamente dois interesses diferentes e que, no entanto, movimenta um grande número de pessoas durante o dia e durante a noite.

A partir das análises, percebemos que o lazer no centro da cidade de Curitiba está estritamente vinculado ao comércio, o que nos leva a refletir sobre a relação consumo e lazer. Nessa perspectiva Mascarenhas (2004, p.103) afirma ser o lazer “um fenômeno tipicamente moderno resultante das tensões entre o capital e o trabalho”. Dessa forma, o espaço público torna-se palco para essas tensões e por isso mesmo não fica de fora dessa lógica. Segundo Padilha (2006) a partir desses fenômenos ocorre a formação da “cultura de consumo” que segundo a autora (p.131) “transforma hábitos cotidianos, as

relações entre as pessoas, as percepções dos espaços e os significados dos objetos”. Nesse sentido, o tempo e o espaço do lazer reduzem-se a um tempo de consumo, seja de mercadorias ou da diversão.

Concordamos com os autores citados que reafirmam a transformação dos centros da cidade em locais de consumo, os quais geram confeitarias, bares, cafés que oferecem opções de lazer consumista, entretanto salientamos que também é possível ocorrer nos interstícios de tempo, um momento que pode ser dedicado ao encontro, a contemplação e interação com a vida pública. Entendemos essas oportunidades como brechas que possibilitam um rompimento, em certa medida, com a lógica do lazer subordinado ao capital.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS: PLANEJANDO TRANSFORMAÇÕES

O planejamento urbano parece ser fruto da modernidade, dado que as cidades tiveram grande expansão a partir desse período. Na modernidade, os espaços das cidades tornaram-se raridades. Obviamente o tempo e espaço de lazer não ficaram de fora dessa lógica, na qual o lazer se tornou um “artigo de luxo” para os moradores dos grandes centros urbanos.

A preocupação com o planejamento urbano de Curitiba remonta à sua fundação. Porém foi com o Plano Agache (1945) que os esforços voltaram-se para isso. Este plano previa algumas mudanças na cidade, que passou a ser dividida em setores de moradia, trabalho, abastecimento, etc. Essas mudanças ainda hoje podem ser identificadas na cidade através do traçado de algumas ruas e algumas construções, como é o caso das faixas exclusivas de ônibus.

A partir desse plano, surgiu na década de 60 o Plano Diretor, que continuou as reformas na cidade iniciadas pelo Plano Agache, e procurou dar ênfase para a preservação da memória histórica da cidade, a cultura e ao lazer. Nesse sentido, as grandes transformações ocorridas nesses âmbitos começaram a se estruturar.

Ao longo das três décadas pesquisadas, as formas de uso que a estrutura arquitetônica dos espaços proporcionava, foram se alterando. A partir da década de 60 a Praça Tiradentes foi se consolidando como corredor de transporte público e os investimentos nesse espaço estavam relacionados a essa funcionalidade. As possibilidades de experiências no âmbito do lazer se resumiam a bancos de madeira que possibilitam a contemplação do espaço e a interação com outros sujeitos.

Já a Praça Osório assumiu o lazer como função principal. A partir dos anos 60 as opções de espaços que possibilitavam diferentes experiências começaram a surgir. Nesta década foram instalados bancos em madeira e *playground*. Nos anos 70 um complexo esportivo foi construído e nos anos 80 um novo coreto foi instalado na praça, usado principalmente, como atelier de pintura, retirado anos mais tarde.

Entretanto, o Largo da Ordem era tido como um dos principais pontos comerciais da cidade desde sua fundação. As possibilidades de experiências

no âmbito do lazer nas décadas de 60 e 70 estavam atreladas ao comércio. Já nos anos 80 o Largo se consolidou como principal espaço de lazer noturno, por oferecer inúmeras opções de bares, boates e restaurantes.

Assim como o Largo da Ordem, a função da Rua XV de Novembro sempre esteve ligada ao comércio, e por essa razão as opções de espaço no âmbito do lazer eram variadas. Bares e restaurantes eram uma constante na Rua, assim como os cinemas, e ainda havia duas confeitarias tradicionais na cidade. Com o passar das décadas alguns espaços permaneceram, outros deixaram de existir, e novos espaços surgiram.

Nesse sentido, com a implantação do Plano Diretor nos anos 70, os espaços pesquisados sofreram algumas alterações que buscavam, principalmente, devolver a cidade para os moradores e fazer com que a população local se identificasse com os lugares da cidade destinados entre outras coisas, ao lazer e a cultura.

Entendemos que o desenvolvimento do planejamento urbano com referência aos espaços do centro da cidade buscou a interação entre comércio e lazer agregado ao sentimento de pertencimento, possibilitando que o curitibano tivesse um cuidado mais apurado com os espaços públicos, se comparado ao comportamento comunitário de outras cidades do Brasil (Rechia, 2003).

Observamos que um fato interessante foi a iniciativa do fechamento de ruas no centro da cidade, pois possibilitou um fluxo harmonioso entre comércio, cultura e lazer. Nessa perspectiva, a população ganhou um novo espaço de lazer e cultura, e os comerciantes ganharam no aumento das vendas. Isso comprova a tese de Jacobs (2007) de que os usos combinados dos espaços geram vida nas grandes cidades.

Tais fatos demonstram o quanto o fenômeno do lazer está atrelado ao consumo, a diversão, o entretenimento, ao encontro, a diversidade. Vale ressaltar que essas ações combinadas geram tensões no meio urbano refletidas em algumas posturas preconceituosas observadas em títulos de jornais locais estudados, tais como: Ameaçado o Setor Histórico (O Estado do Paraná, jan/1981); Desordem ocupa o largo (Tribuna do Paraná, fev/1982); Praça Tiradentes: Engraxates e coberturas se constituem em dois grandes

problemas (Jornal dos Bairros, out/1979); De como se destrói o nosso Setor Histórico (O Estado do Paraná, fev/1983), entre outras, o que nos faz refletir sobre qual a função dos meios de comunicação, na medida em que são formadores de opinião. Portanto, deve-se analisar com cuidado a tal relação para garantir o lazer como um direito de todos.

Ressalto que Curitiba vem investindo no centro da cidade como ponto de encontro por meio das experiências vividas no tempo e espaço do lazer. O exemplo mais atual dessa iniciativa está no projeto de revitalização da Rua Riachuelo que busca, por meio da cultura, história e do lazer, fazer desse espaço, atualmente esvaziado, num lugar reapropriado pelos sujeitos. A principal aposta da prefeitura está na volta dos cinemas de rua, o que segundo o jornal Gazeta do Povo (Um quartel de cinema, fev/2010) “promete transformar o centro de Curitiba em um verdadeiro complexo cultural”.

Vemos que o planejamento de Curitiba procura, em certa medida, resistir as mudanças das cidades decorrentes dos novos paradigmas que sustentam as teorias de planejamento urbano, em que o espaço do *shopping center* tornou-se a opção prática e segura para o convívio, onde as relações estão atreladas ao consumo de mercadorias, inclusive inibindo as experiências no tempo e espaço de lazer no ambiente público.

## Referências

ANTUNES, Ricardo. **Os Sentidos do Trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 6ª. Ed. Boitempo, São Paulo, 2002.

ARRUDA, José Jobson de Andrade. **A Revolução Industrial**. São Paulo: Ática, 1988.

BETTO, Frei. **A mosca azul**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

BOSCHI, Caio César. **Por que estudar História?** São Paulo: Ática, 2007.

CAGNATO, Euza Virgínia. **Praça Afonso Botelho**: o foco das observações no âmbito do esporte e do lazer. Dissertação de Mestrado. Curitiba: UFPR, 2007.

CARR, Edward Hallet. **Que é história?** 9ª ed. Tradução: Lúcia Maurício de Alverga. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

CHAVES JUNIOR, Sergio Roberto. **A educação física do Ginásio Paranaense ao Colégio Estadual do Paraná**: Contribuições para a construção de uma história de uma disciplina escolar (1931-1951). Dissertação de Mestrado. Curitiba: UFPR, 2004.

FRANÇA, Rodrigo de. **Diálogos entre oferta e demanda**: uma análise da relação entre o poder público e os grupos de ativismos sociais referentes aos parques da cidade de Curitiba. Dissertação de Mestrado. Curitiba: UFPR, 2007.

FREITAG, Bárbara. **A revitalização dos centros históricos das cidades brasileiras**. In CADERNO CRH, Salvador, n. 38, p. 115-126, jan./jun. 2003.

HORN, Maria da Graça Souza. **Sabores, cores, sons, aromas**: a organização dos espaços na Educação Infantil. Porto Alegre: Artmed, 2004.



JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. 2ª. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

LEFEBVRE, Henri. **O direito a cidade**. 5ª Ed. São Paulo: Centauro, 2008.

LUCHIARI, Maria Tereza. A categoria espaço na teoria social. In: **Temáticos**. Campinas v.4, n.7, p. 191-238, jan/jun. 1996.

MASCARENHAS, Fernando. **Lazer como prática da liberdade**. 2ª ed. Goiânia: Editora UFG, 2004.

MASCARENHAS, Fernando. Lazer e Utopia: Limites e possibilidades de ação política. **Movimento**. Porto Alegre, v. 11, n. 3, p. 155-182, setembro/dezembro de 2005.

MASCARENHAS, Fernando. Outro lazer é possível! Desafio para o esporte e lazer da cidade. In: **Gestão pública e políticas de lazer: a formação de agentes sociais**. Lino Castellani Filho (Org.). Campinas: Autores Associados, 2007.

MELO, Victor Andrade de. **História da educação física e do esporte no Brasil: panorama e perspectivas**. São Paulo: IBRASA, 1999.

PADILHA, Valquíria. Consumo e lazer reificado no universo onírico do *shopping center*. In: **Dialética do lazer**. Valquíria Padilha (Org.). São Paulo: Cortez, 2006.

PELLEGRIN, Ana De. Lazer, corpo e sociedade: articulações críticas e resistências políticas. In: **Dialética do lazer**. Valquíria Padilha (Org.). São Paulo: Cortez, 2006.

RAGAZZINI, Dario. Para quem e o que testemunham as fontes da História da Educação? In: **Educar em Revista**. Curitiba, nº 18, 2001, p. 13-28.

RECHIA, Simone. **Parques públicos de Curitiba:** A relação cidade-natureza nas experiências de lazer. 2003. 199f. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

RECHIA, Simone. O pulsar da vida urbana: o espaço, o lugar e os detalhes do cotidiano. In: **Lazer no espaço urbano:** transversalidades e novas tecnologias. João Eloir Carvalho (Org.). Curitiba: Champagnat, 2006.

RECHIA, Simone; FRANÇA, Rodrigo de. O estado do Paraná e seus espaços e equipamentos de esporte e lazer: apropriação, desapropriação ou reapropriação? In: **Esporte e Lazer:** subsídios para o desenvolvimento de políticas públicas. Fernando Marinho Mezzadri; Fernando Renato Cavichioli; Doralice Lange de Souza (Orgs.). Jundiaí: Fontoura, 2006.

ROLNIK, Raquel. **O que é a cidade.** São Paulo: Brasiliense, 2004.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço.** 4ª. Ed. São Paulo: Edusp, 2008.

TRISOTTO, Fernanda. Um quartel de cinema. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 21 fev. 2010. Caderno G.

## Fontes

A NOVA Rua XV: Uma rua cheia de flores, com largos passeios. É a cidade que se moderniza. **A Voz do Paraná**, Curitiba 11 à 17 jun. 1972.

A RUA das Flores e seus objetivos. Alcançados? **Diário do Paraná**, Curitiba, 07 jul. 1977.

AMEAÇADO o Setor Histórico. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 31 jan. 1981.

BARRETO, Alessandra. Moradores do Largo da Ordem denunciam excesso de barulho. **Jornal do Estado**, Curitiba, 24 fev. 1989. A Cidade, p.25.

BENETTA, Cláudio Dalla. Um reduto na Rua das Flores. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 03 fev. 1981.

BOLETIM CASA ROMÁRIO MARTINS. **Centro Histórico**: espaços do passado e do presente. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, v.30, n.130, mar., 2006.

BOLETIM CASA ROMÁRIO MARTINS. **Praças de Curitiba**: espaços verdes na paisagem urbana. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, v. 30, n. 131, set. 2006.

BOLETIM INFORMATIVO DA CASA ROMÁRIO MARTINS. **A Rua XV e o comércio no início do século**. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, v. 23, n. 113, jul. 1996.

BOLETIM INFORMATIVO DA CASA ROMÁRIO MARTINS. **Calçadão, vinte anos depois**. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, v. XIX, n. 98, jul. 1992.

BOLETIM INFORMATIVO DA CASA ROMÁRIO MARTINS. **Despoluição visual em Curitiba**. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, ano 8, n. 60, dez. 1981.

BOLETIM INFORMATIVO DA CASA ROMÁRIO MARTINS. **Tiradentes**: a praça verde da igreja. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, v. 24, n. 120, jul. 1997.

CONDENARAM a Sala de Estar. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 16 mar. 1976.

CORETO na Boca, o alvo de permanentes debates. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 07 jan. 1991.

DESORDEM ocupa o largo. **Tribuna do Paraná**, Curitiba, 05 fev. 1982.

DESTEFANI, Cid. Não foi só bebedouro. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 18 mar. 1980.

ENFIM, o reconhecimento. **A Voz do Paraná**, Cascavel, 23 fev à 01 mar., 1975.

FUCHS, Franco. Curitiba, 316 anos na Rua 15. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 18 mar. 2009, Educação e Ensino, p. 3.

GREIN FILHO, Lauro. A Rua XV. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 27 abr. 1975.

GUIMARÃES, Marian. Um estacionamento diferente para tranqüilidade das crianças e das mães. **Diário do Paraná**, Curitiba, 20 jan. 1980.

HLADCZUK, Ana Maria; et. al. **História de Curitiba**. Abril, 2000. Disponível em [www.casadamemoria.org.br](http://www.casadamemoria.org.br), visitado em 14/04/2009.

IAROCZINSKI, Ulisses. Nessa praça, nessa praça, tinha um coreto, um coreto! Hoje tem... **Jornal do Estado**, Curitiba, 07 nov. 1985.

LARGO da Ordem: mais de dois milhões numa obra inacabada. **Correio de Notícias**, Curitiba, 19 mai. 1980.

MANFREDINI, Luiz. Rua XV, 1973 (Homem x Máquina, 1x0). **O Estado do Paraná**, Curitiba, 07 out. 1973.

MILLARCH, Aramis. De como se destrói o nosso Setor Histórico. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 23 fev. 1983.

MEMÓRIA da cidade: Rua das Flores, Imperatriz, 15 de Novembro. **Jotabê**, Curitiba, 01 dez. 1978.

MORENO, Julio. Uma rua colorida, com flores, sem carros. Uma rua de lazer. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 26 fev. 1973.

NOSSO “coração” é patrimônio. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 22 out. 1989, Viverbem, p. 58 – 61.

O ALEGRE espaço da comunicação. **Diário do Paraná**, Curitiba, 02 jun. 1974.

**O ESTADO do Paraná**, Curitiba, 27 jan. 1980.

OSÓRIO, uma praça de muita vida e história. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 24 jan. 1974.

PRAÇA Tiradentes: Engraxates e coberturas se constituem em dois grandes problemas. **Jornal dos Bairros**, Curitiba, 27 out. 1979.

PRADO, Cimara. História e recato embalam Curitiba. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 22 jul. 1989.

QUEBRADA tradição na Rua das Flores. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 31 dez. 1976.

RUA das Flores, a vida do curitibano. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 18 fev. 1979.

RUA das Flores, com chuva ou sol, sempre ponto de encontro. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 17 jan. 1974.

REVITALIZAÇÃO do Setor Histórico. **Diário Popular**, Curitiba, 31 mar. 1980.

SETOR Histórico com lampiões. **Diário Popular**, Curitiba, 20 mar. 1980.

SETOR histórico, o mais novo cartão de visita da cidade. **Expresso**, Curitiba, 11 mai. 1980.

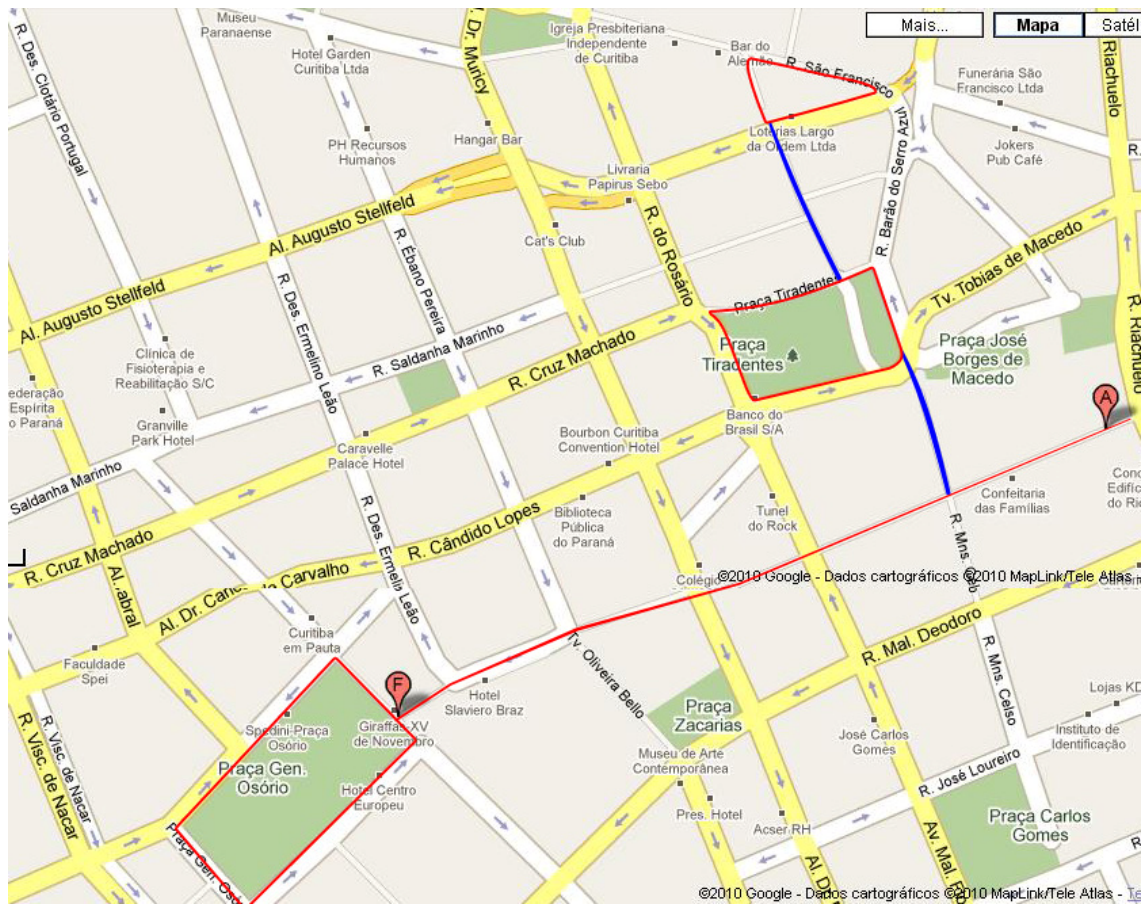
SETOR Histórico ou um novo Centro Gastronômico? **Correio de Notícias**, Curitiba, 11 out. 1979.



SETOR Histórico será só para pedestres. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 27 fev. 1980.

VAMOS brincar e pintar no Coreto da praça. **Jornal do Estado**, Curitiba, 08 abr. 1986.

# Anexos

## Anexo 1



	Espaços pesquisados
	Ruas calçadas